

Num.
29
Anno I



DIRECTOR: CONSELHEIRO X. X.

26
de Agosto
1922



P. 76

**O CÃOSINHO FELPUDO (para o outro) — Você
está doente do estomago? Para que está mostrando a lingua?**



Deus prejudicou Homem de uma costella, aproveitando-a para o fabrico plastico da Mulher. — O Diabo sempre foi solidario com o Homem: — para vingal-o, interveio na obra divina, castigando a Mulher com isso que ella mesma, depois,

chamou de incommodos... O Homem, entretanto, — coherente com sua fraqueza inicial (desde o Eden) — seculos após, apiedou-se da victima, fructo da sua inolvidavel costella... E inventou

A SAUDE DA MULHER

que cura todos os incommodos das senhoras.

(Foi tal "incidente" que creou a differença entre as mulheres e as bonecas...)



a grande produção do anno, que mereceu os mais altos encomios da critica severa de todos os paizes.

Apresentação de um grande vulto feminino da cinematographia allemã

LYA DE PUTTI

brevemente no

== **CINE PALAIS** ==

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000

Semestre 13\$000

Numero avulso \$600

Capital:

Numero avulso \$500

• atrazado \$600

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina 200\$000

1/2 " 110\$000

1/4 " 60\$000

1/8 pagina 35\$000

Capa a duas cores 450\$ 00

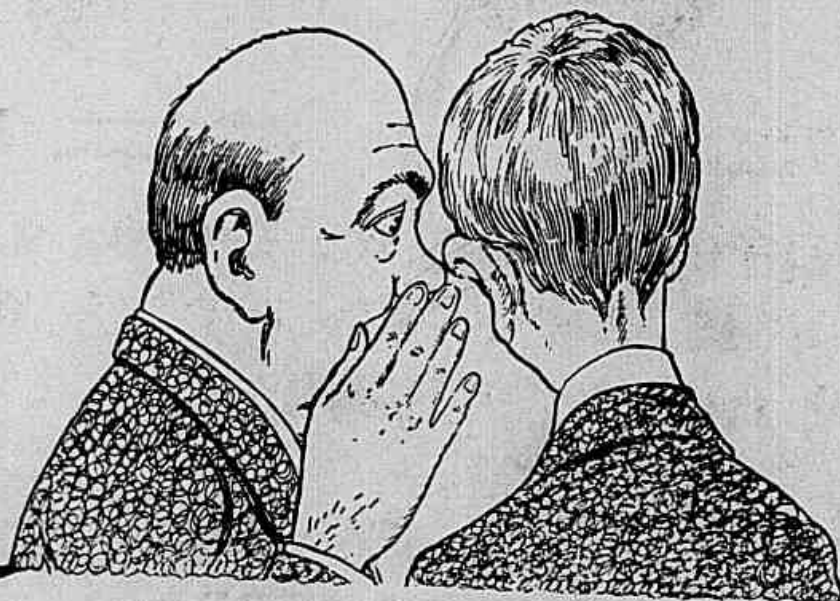
" " trez " 600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. Jotta Abreu.

Telephone N. 4594

Para hygiene intima das senhoras
e para defeza secreta dos homens

MATIGON

Pharmacias **ORIENTAL e WERNECK****FALLE BAIXO...****USE**

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO****RUA DA LAPA, 6 — RIO**

DE 4 a 10 DE SETEMBRO
 NO
CINEMA RIALTO

UMA FORMIDAVEL SUPER-PRODUÇÃO COMICA DE

ASSOCIATED
 EM 6 ACTOS



PRODUCES
 MAGNIFICOS

GASIMIRO na
CASA DO TALENTO

GRAÇA E LUXO EM
 PROFUSÃO

1.200 appetitosas girls

KATARINE Mc GUISE uma das principais interpretes



Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Romances Ilustrados de PAULO DE KOCK a 1\$500

A educação de Flóra	As ligas da noiva
A filha da porteira	A bella costureira
Amor e ciúme	A rival de sua filha
Casamento forçado	A filha perdida
A Dama côr de rosa	O collar de diamantes

A FILHA DO JUDEU — contos do vigário — contos humorísticos de Armando Ferreira		1\$500
AMORES SENIS — roman e, por L. Fiany		1\$500
FARRAPOS DA VIDA — F. S. hwalbach - typos, usos e costumes		1\$500
UM CABRA PERIGOSO — contos singélos		2\$000
A VESPERA DO NOIVADO — conselhos aos noivos e recém-casados		1\$500
AS TREZES NOITES DE JOANNA		2\$000
MEMORIA DE UMA CREADA DE SERVIR		3\$000
DESGOSTOS NA VIDA DOS CASADOS — H. Balza		1\$000
QUE E' A TERRA? — Guerra Junqueiro		1\$000
ENTREVISTA AMOROSA		1\$000
ARTE DE SE FAZER AMAR — por Mme. X.		500
A CEIA DE CLEOPATRA		200
O BANHO DE ADELINA		200

PELO CORREIO MAIS 500 rs. SOBRE OS PREÇOS MARCADOS

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

Casa Gaúcho

não tem filiaes

Loterias, commissões e descontos

L. COSTA & C.

RUA CHILE, 3

Telephone Central 5470

Ender. telegr. GAÚCHO

Caixa Postal 481

RIO DE JANEIRO

BA-TA-CLAN!

BA-TA-CLAN!

Rapazes! Cavalheiros! Anciãos!

já fostes ao Ba-ta-clan?

Como não vos lembraes, então, do

“SEXUOL”

que é o BA-TA-CLAN liquido, o grande remoçador da actualidade?

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. ————— **Preço do tubo 10\$000**

DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.

OLHOS Inflammacões e purgações
USE O
“COLLYRIO MOURA BRAZIL”

TALCO BORICINADO SILVA ARAUJO
BABY-FLORA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS
CONTRA AS IRRITAÇÕES DO CALOR



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

A CARTOMANTE

A fama de Mme. Zenobia, como cartomante, enchia a cidade. Não havia misterio que ella não descobrisse. Caso de amor confiado á sua capacidade sobrehumana de conhecer os segredos, era esclarecido immediatamente, como se ella tivesse um livro aberto diante dos olhos. E, por isso mesmo, era enorme, quasi torrencial, a affluencia de clientes.

— Eu acredito nella — dizia uma senhora, — porque não é uma exploradora. Dizem que ella pertencia, em Buenos-Aires, á bôa sociedade, e que abandonou tudo unicamente para exercer a profissão.

— E eu creio, — secundou outra. — Você conhece o marido d'ella?

— Não.

— Pois, é um bello rapaz. Pela apparencia d'elle vê-se logo que é gente de distincção.

Esses e outros comentarios, ouvidos aqui e alli, contribuiam para augmentar a popularidade, que já não era pe-

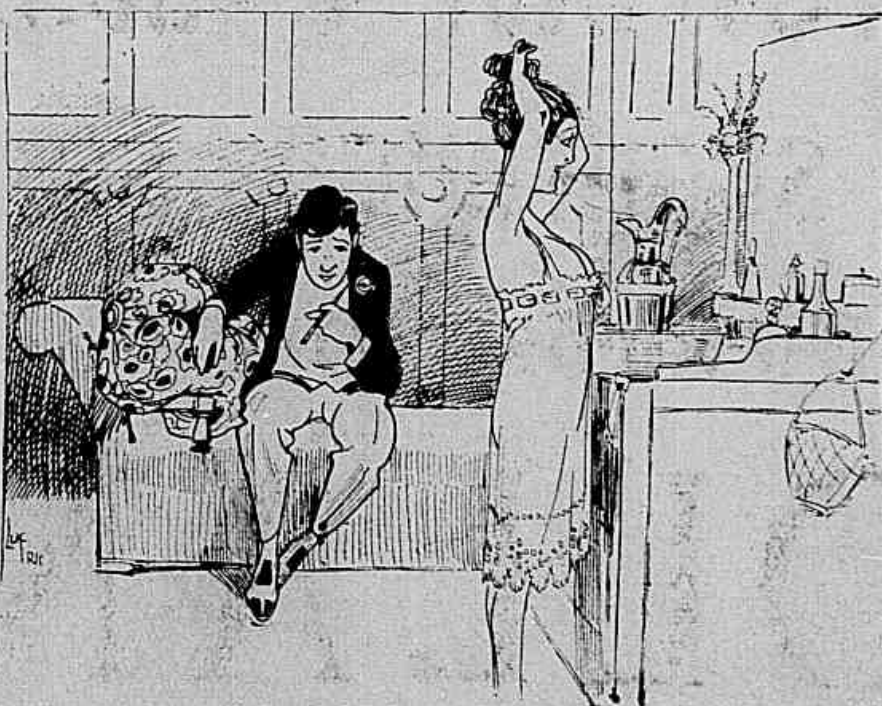
quena, da famosa adivinha. E era por isso que alli estava, naquella tarde, embora um pouco constrangida, a famosa Mme. Toledo Valle, mais conhecida, entre os intimos, por Lulinha Miranda, como nos seus bellos tempos de solteira.

A ornamentação da sala de espera constituia, pela sua originalidade, o prefacio das surpresas guardadas por Mme. Zenobia. Aos cantos, sobre suportes de ebano, quatro corujas negras arregalavam os olhos de esmeralda. Pelas pa-

redes, penduravam-se hypocriphos, dragões, serpentes estravagantes, uma fauna fantastica e amedrontadora sahida do Apocalipse. Um reposteiro de veludo negro, em que se abria, bordada em ouro, uma cruz de tres braços, fechava o caminho do templo em que a adivinha, sentada em frente á mesinha de laca, surprehendia o futuro.

Lulinha Miranda examinava o ambiente, inspecionando com o «lorgnon» petulante aquelle pequeno mundo bizarro espalhado

PROJECTOS

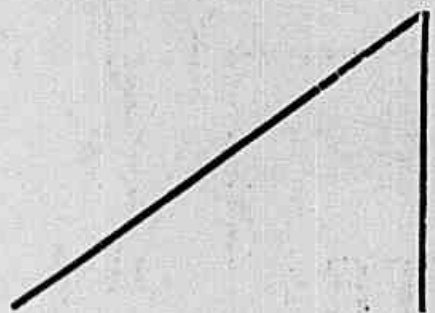


Elle — Sabes, vou ver se monto uma typographia.

Ella — Commigo, filho, não arranjas nada!

Convem Elucidar ao doente

que :



O Rheumatismo — os Eczemas — As úlceras — Frieiras — Feridas, manchas e espinhas no rosto e na pelle — Quêda dos cabellos e das sobrancelhas — Purgações dos ouvidos — Inflamações dos olhos — Dôres de cabeça nocturnas — Metrites e molestias do utero — supressão das regras — Abortos successivos — Quêda dos dentes e das unhas — Placas no corpo — Asthma — Dôres nos ossos e nos musculos.

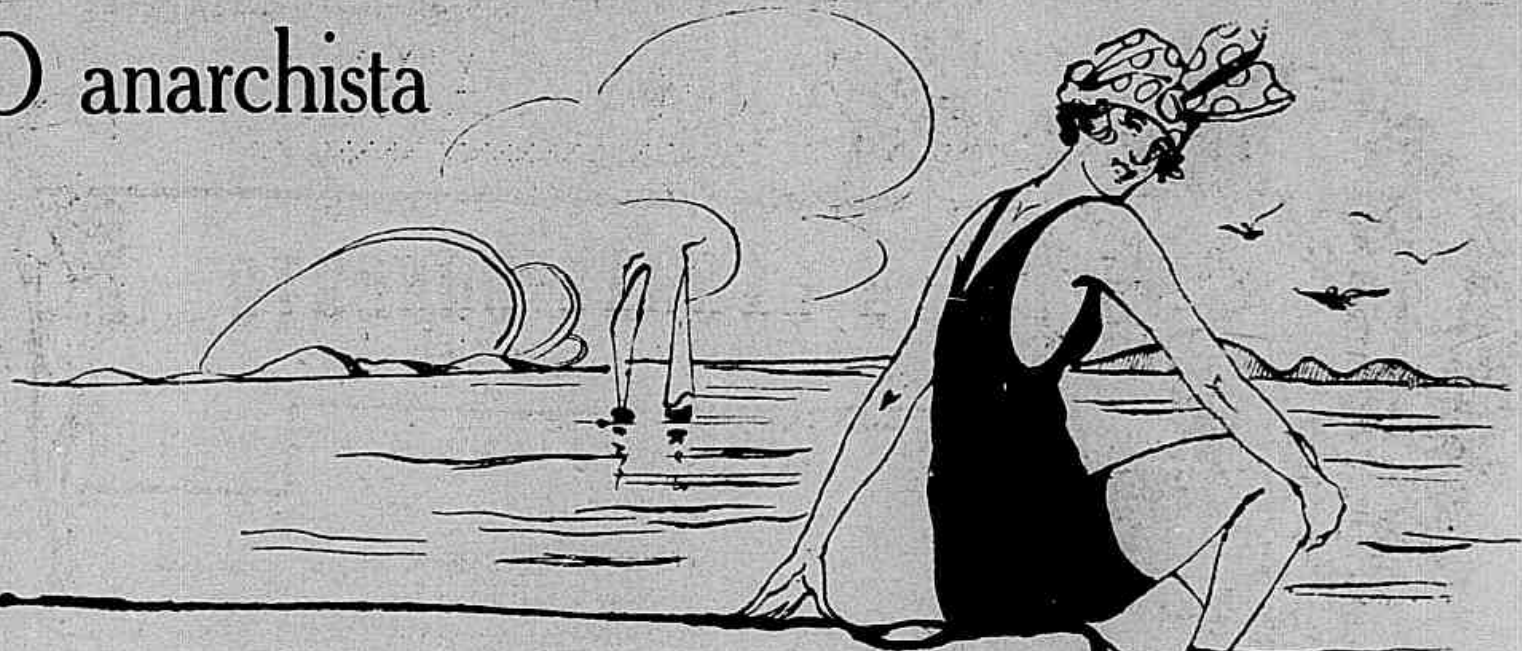
São MANIFESTAÇÕES da SYPHILIS

Para combatel-a com
EFFICACIA e absoluta
segurança só

O Poderoso Depurativo

POLLANG

O anarquista



O coronel Baptista de Vasconcellos, director da Penitenciaria, estava no seu gabinete, no primeiro andar d'aquelle presidio, quando o continuo o foi avisar da presença de uma senhora, que lhe queria falar.

— E' velha? — indagou.

— Não, senhor. E' moça, e bonita.

— Manda-a entrar, — ordenou.

Estatura mediana, toda de branco, olhos claros e cabellos castanhos, a visitante era um desses typos femininos que fazem bater, de subito, o coração. Não usava «rouge», quer nas faces, quer nos labios. A pelle fresca e sadia respirava mocidade. Uma graça silenciosa cercava-lhe toda a figura, como aquella musica indefinivel que annunciava, no Olympo, a suave passagem dos deuses.

— Faz o obsequio de sentar-se? — offereceu o director, pondo-se de pé, e indicando-lhe uma cadeira.

— Obrigada... — agradeceu a dama, accetando.

O coronel examinou, em olhares rapidos, a recém-chegada, notando no seu traje, nas suas maneiras, no seu todo, uma distincção, uma graça, um encanto, que o enchiam de sympathia preventiva. E continuava a sua analyse quando, de repente, a visitante informou a que vinha.

— Eu sou — disse — a esposa de Ernesto Dhorn, que se acha preso aqui, desde sabbado ultimo.

— De Ernesto Dhorn, o anarquista, minha senhora? — exclamou, olhos arregalados, o coronel.

— Sim, senhor; elle foi preso, com outros companheiros, por haver dado vivas á anarchia, á Revolução Social...

— Exactamente, — confirmou o director.

— Trasido para aqui, — continuou a moça — foi-lhe imposto, como condição para ser solto, que desse um viva á Republica, á legalidade, ás autoridades constituídas.

— Perfeitamente.

— Nem meu marido, nem os seus companheiros, se submeteram á imposição: recusaram-se a dar os vivas, sendo, por isso, recolhidos ás celulas, onde ainda se encontram, até que repudiem as suas idéas revolucionarias.

— E' extraordinario como a senhora está ao corrente de tudo, — confessou o director do presidio, com um sorriso significativo no grande rosto vermelho, que os bigodes, alvos e longos, enfeitavam. — Tudo isso, realmente, succedeu. E eu queria saber, apenas, depois de tudo isso, em que podia servir-a.

A moça ensaiou um sorriso, e esclareceu, confiante:

— Eu queria ver o meu marido. Ha dez dias que estamos separados, e, como o amo demais, pretendia passar algumas horas na sua cellula, a seu lado.

O velho militar pensou um pouco. Ao fim de alguns instantes, informou:

— Pois, não. Mas, com uma condição: o seu marido dará, antes, um «viva» á Republica!

— Oh!...

— Sim, minha senhora,

tornou o antigo soldado. — O governo precisa tirar partido da situação. Se o seu marido não der o «viva», peor para elle!

Após alguns momentos de discussão, a moça accedeu. E minutos depois, appareceu diante das cellulas dos anarchistas, que espiavam, barbados e cabelludos, pelas grades e treitas, a linda visitante e o director do presidio.

— Senhores, — disse este, — esta senhora, esposa de um de vós, prometteu que o seu marido responderia a um «viva» á Republica, se eu consentisse na permanencia d'ella, durante uma noite, na sua cellula. Ella aqui está. Eu vou dar o «viva», e espero que o seu marido responda.

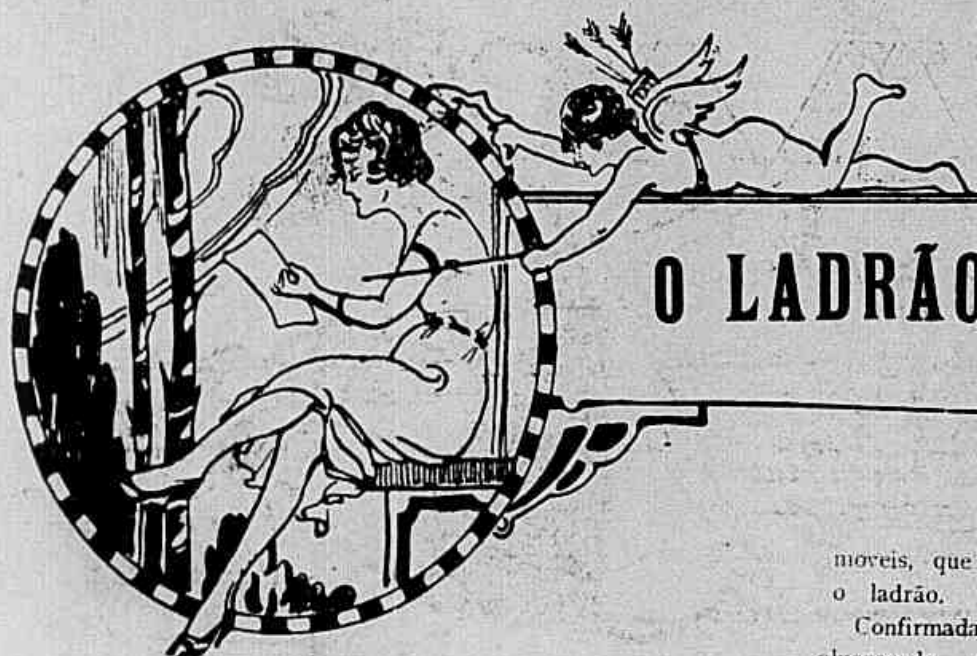
E, peito expandido, grave, austero, martial, bradou:

— Viva a Republica!...

E reuou, olhos arregalados. De ponta a ponta, na galeria de cellulas, que eram cerca de trinta, os anarchistas, que eram em igual numero, responderam, todos, a uma voz, num brado que rebou por toda a prisão:

— Vivóóóóó... óóó... óóó!

Lenine Junior



O LADRÃO HONESTO



O capitão Vicente Bandeira estava já no segundo somno, quando, pelas tres horas da madrugada, percebeu barulho na sala de jantar. Ouvido alerta, sentiu um estalar de gaveta, e outros ruidos que lhe denunciavam a presença de extranhos, no andar terreo da casa.

— Lulú? — chamou, sacudindo brandamente a mulher.

— Lulú?... Lulú?...

— Heim?... Heim?... Que é?... — fez a bôa senhora, despertando.

— Parece que temos gatuno em casa, filha!

Corajoso e decidido, o valente militar ergatilhou a pistola, e, pé ante pé, desceu ao andar terreo. E não se tinham passado quatro minutos quando D. Lulú conheceu, em cima, pela queda precipitada dos

pelas paredes, pelas mesas, pelos tapetes, quando uma creada de côr preta, retinta, de olhos muito brancos, pronunciou o seu numero:

— Cartão sete, especial.

Um calafrio correu a espinha da moça.

E foi com as mãos geladas, o coração desordenado, que tomou a sombrinha, o livro que trasia para ler, e passou, como um navio por debaixo de uma ponte, sob a curva azul do reposteiro.

Transposta a primeira saleta, entrou a consulente em um compartimento misterioso, envolto numa penumbra pesada, e no meio do qual estava, na sua cadeira solemne, a famosa cartomante. De um golpe de vista, com a sua perspicacia feminina, Lula Miranda viu que ella era moça, e linda. Tinha olhos negros e velludosos, face moça e lisa, bocca vermelha, e, escapando da touça de seda bordada de cruces e dragões, cabello escuro, macio e, provavelmente, abundante. O collo forte, indiscretamente trahido por um manto negro, bordado como a touca, denunciava uma plastica verdadeiramente modelar. E foi mais a formosura da adivinha, o brilho doce dos seus olhos, a suave serenidade da sua face, do que a gravidade do ambiente, que deteve a recém-chegada a dois passos, apenas, da celebre reveladora de misterios.

— Sente-se! convidou a cartomante.

Lula sentou-se.

— E' um caso de amor... Não é?

moveis, que o marido se havia atracado com o ladrão.

Confirmada a sua suspeita, desceu. Cabello alvoroçado, em ceroula, descalço, Vicente Bandeira tinha diante de si, encostado á parede, com as roupas em tiras e o rosto em sangue, um rapazola de uns vinte annos, que tremia, chorando:

— Não me mate, senhor capitão. Eu sou um gatuno honesto! Eu roubo para viver, é certo; mas roubo sem rebaixar-me!

Vicente Bandeira olhava o rapazola, sem comprehender. E o desgraçado continuava:

— Eu sou um rapaz de bons costumes, educado com grande carinho. Nunca frequentei logares suspeitos!

E as mãos juntas, o rosto em lagrimas, num choro de cortar a alma:

— E a prova, senhor capitão, é que, mesmo para roubar, eu só visito casas de familia!...

Tenente Matheus

— Exactamente.

Mme. Zenobia puxou uma gaveta, tirou um baralho azul, baralhou-o, cortou-o, recoritou-o, e, após um instante de concentração, ordenou:

— Tire, d'aquí, treze cartas.

Lula tirou as treze cartas, uma a uma.

— Ponha-as, em carreira, em cima da mesa, A rapariga obedeceu. Feito isso, a adivinha concentrou-se outra vez, foi virando as cartas, e disse, a voz soturna:

— A senhora têm paixão por um homem muito bonito.

— Sim, senhora.

— E é correspondida.

— Sim, senhora.

— Elle é alto, forte, olhos castanhos...

— Exactamente, — confirmou mme. Toledo Valle, espantada.

— E' estrangeiro...

Lula empallideceu, olhos arregalados.

— Chegou ao Rio ha quatro mezes...

Lula esfriou.

— Chama-se Ernesto...

Lula levou as mãos á bocca, para não gritar.

— Emfim — concluiu a cartomante, pondo-se de pé, as mãos crispadas, os dentes cerrados, os olhos em fogo: — emfim...

E sacudindo Lula pelos hombros:

— A senhora é a amante... do meu marido!...

X. X.



OS HOSPEDES DO CENTENARIO



SACCADURA CABRAL



seu bordo uma pequena missão naval, destinada a estudar no praso de alguns mezes toda a costa africana de Quelimane.

Essa missão, que tanto interessava a Sua Magestade o Rei D. Carlos, era constituída por uma juventude brilhante. E entre os seus membros mais moços, ia o guarda-marinha Arthur de Saccadura Cabral, moço de vinte e quatro annos, cuja capacidade, como hydrographo, se fizera notavel desde a sua matricula na Escola Naval de Lisboa.

Portuguez da velha tempera, o moço marinheiro sabia que o futuro de Patria estava no mar.

— Poupem a agua — dizia elle aos companheiros. — A agua é a grande alliada de Portugal. Foi no oceano que fizemos a nossa grandeza colonial. E tanto Deus nos creou para pouparmos a agua, que fez da nossa terra a terra privilegiada do vinho.

E como se fosse vinicultor:

— Bebam vinho, amigos; conspurcar vinho em vez de agua, é ser bom portuguez.

Leotte do Rego, que o ouvira num desses sermões, indagou, sorrindo, uma vez:

— E com que tomaremos banho?

— Com vinho Moscatel, — tornou Saccadura. — Elle é tão limpo como a agua, e tem a conveniencia de ser aproveitado depois!

Chegado a Quelimane, e iniciados os estudos em toda a extensão da costa, o que mais preoccupou o jovem official de Marinha foi a cor trevosa dos aborigenes.

— Mas, vocês já tomaram banho? — indagou, certo dia, de uma preta ainda moça, que lhe deram para creada, em Inhambane.

— Tomamos, sim, senhor.

— Com agua?

— Com agua, meu branco.

— Só vendo, para crer!

Espantado com a incredulidade do moço europeu, a preta, que se chamava Bayunda, convidou mais oito companheiras, tão retintas quanto ella, para tomarem banho na presença do amo. Este assistiu tudo, admirado. E, ao fim do dia, assignalava, em conversa com Machado dos Santos, que fora na mesma expedição:

— Sim, senhor. Agora, estou convencido. A cousa mais inutil do mundo é agua que lava preto!...

Voltando a Portugal no anno seguinte, sentiu Arthur de Saccadura Cabral, em breve, a nostalgia do clima africano. Aquellas terras ardidas chamavam-no, solicitavam-no. Ca la palmeira dos

arciaes era um lenço verde a accenar-lhe. E foi por isso que, em 1906, voltava ao continente negro, para sondar o porto de Lourenço Marques, tornando á Africa, ainda, em 1909, para estudar os rios da Zambezia, e em 1911, para estabelecer, definitivamente os limites da provincia de Angola.

A Grande Guerra, com as suas suspensas, attrahiu a attenção do moço portuguez para as grandes conquistas aéreas. Decidido a navegar pelo espaço, conseguiu que o enviassem á França para estudar aviação. Matriculado na Escola de Saint-Raphael, na Provença, realizou prodigios, em pouco tempo. De uma calma assombrosa, espantava os proprios mestres pela sua temeridade.

— Qualquer dia — observou o coronel Moreau, commandante da Escola, — nós vamos ter, por ahi, um ultimatum de São Pedro. Este portuguez acaba furando o Céu!

Foi temendo isso, talvez, que o governo francez lhe mandou fornecer, logo, o «brevet» de aviador official. E não era em consequencia de outra cousa que Saccadura saltava, semanas depois, em Londres, com a disposição de ligar, num vôo, o sólo da Inglaterra ás gloriosas terras de Portugal.

Esse feito, considerado temerario, fez com que seu nome reboasse per todo o territorio portuguez. O districto de Evora quiz fazel-o deputado. Lisboa dezejava-o para seu governador. Fernandes Costa pensou em fazel-o ministro. Guerra Junqueiro serenou, porém, esse entusiasmo todo, cizendo, uma vez:

— Soltem o rapaz. A sua mão foi feita para apanhar estrellas, não para assignar officios. Fazel-o ministro seria pôr-lhe dois pés onde elle tem duas azas!

Enviado a Paris, a Londres e aos Estados Unidos como addido da aeronautica, foi o bravo lusitano, no seu regresso, convidado por Gago Coutinho, que conhecera na Africa, para a travessia do Atlantico.

— Era esse um dos meus pensamentos! — observou Saccadura, apertando-lhe a mão.

E foi, então, quando se assentou essa gloriosa aventura, de retumbancia mundial, cuja realização é de hontem, e que ainda se festeja no Brasil, num tumulto de palmas.

Marcada a partida para 29 de março, Gago Coutinho chegou á doca do Bom-successo, em Lisboa, ás tres horas da manhã. A's 11, ainda esperava Saccadura, quando este appareceu.

— A esta hora, honem?!... — observou-lhe o velho marujo.

— Que hei de fazer, filho? — objectou o retardatario. — Sabe você o trabalho que dá o despeir-se a gente, assim, de uma prima?

No dia 30, porém, pela manhã, o «Portugal» abandonava a doca, entre aclamações. Foi um delirio. Gago Coutinho mostrava-se radiante, e sorria. Saccadura estava triste, sorumbatido, a testa retalhada de rugas. Ao passar sobre a tor-





ARMA PROHIBIDA

O relógio de uma igreja próxima acabava de dar, melancolicamente, a meia noite, quando o Luiz Travassos desceu, agarrado ao corrimão, a escada íngreme d'aquella estalagem da rua Senhor dos Passos. Havia entrado ás quatro horas, esvasiara dezoito garrafas de cerveja, e era em consequencia dessa aventura que alli estava, sem chapéo, collete desabotoado, botinas nas mãos, olhos piscos, na maior carraspana da sua vida. Ao chegar á porta, olhou, para um lado e para outro. A rua estava deserta. Apenas um cachorro, que fugiu á sua approximação, esgaravatava, no passeio, uma lata de lixo. Agarrado á parede, chegou á primeira esquina, e dobrou-a. Adiante, para não abandonar o muro, dobrou outro canto. E tanto dobrou esquina, agarrado á parede, que, ás duas da manhã, se encontrou, de novo, á porta da pensão, á rua Senhor dos Passos.

— Diacho! — commentou, passando a mão pelo queixo, por onde a baba escorria, pegajosa. — Bem me diziam que a Terra era redonda!...

Explicado, assim, o motivo da sua passagem pelo mesmo lugar, atravessou a rua, tomando outro rumo. A' rua Theophilo Ottoni, procurou o chapéo. Havia perdido. Olhou os pés. Estava sem sapato e sem meias.

— Com certeza, eu já estou em minha casa! — commentou.

Convencido disso, tirou o paletot, pendurando-o num cabide imaginario, no frontespicio de uma casa. Tirou o collete. Arrancou a camisa. Atirou longe a ceroula. E ia assim pela rua, abrigado pela noite calliginosa, quando, ao passar por deante de um lampeão, foi detido pelo rondante.

— Está preso, camarada! — rugiu a «autoridade».

— Eu, preso? — protestou Travassos.

E tentando continuar o seu caminho, os olhos fecham — não fecham:

— Eu estou na minha casa... Na minha casa quem manda sou eu!

O rondante era, porém, intransigente. Levou o apito á bocca, e deu o signal. Outro apito respondeu, longe. E momentos depois chegava outro guarda, a quem o Travassos foi entregue, para ser conduzido á delegacia.

A's tres e meia da manhã, com a carraspana mais ou menos curtida, dava o bohemio entrada alli no mesmo traço em que Adão sahio do Paraíso.

— Aqui está este freguez —

começou o guarda, entregando-

o ao commissario, — que o 2607 prendeu na rua Senhor dos Passos.

O commissario olhou-o de cima abaixo, com a gravidade de um artista que examina o modelo.

— Mas, por que esse homem foi preso? — indagou, olhando o guarda.

— Não sei, não, «seu» commissario, — informou o rondante.

E á procura de outra explicação:

— Mas, parece...

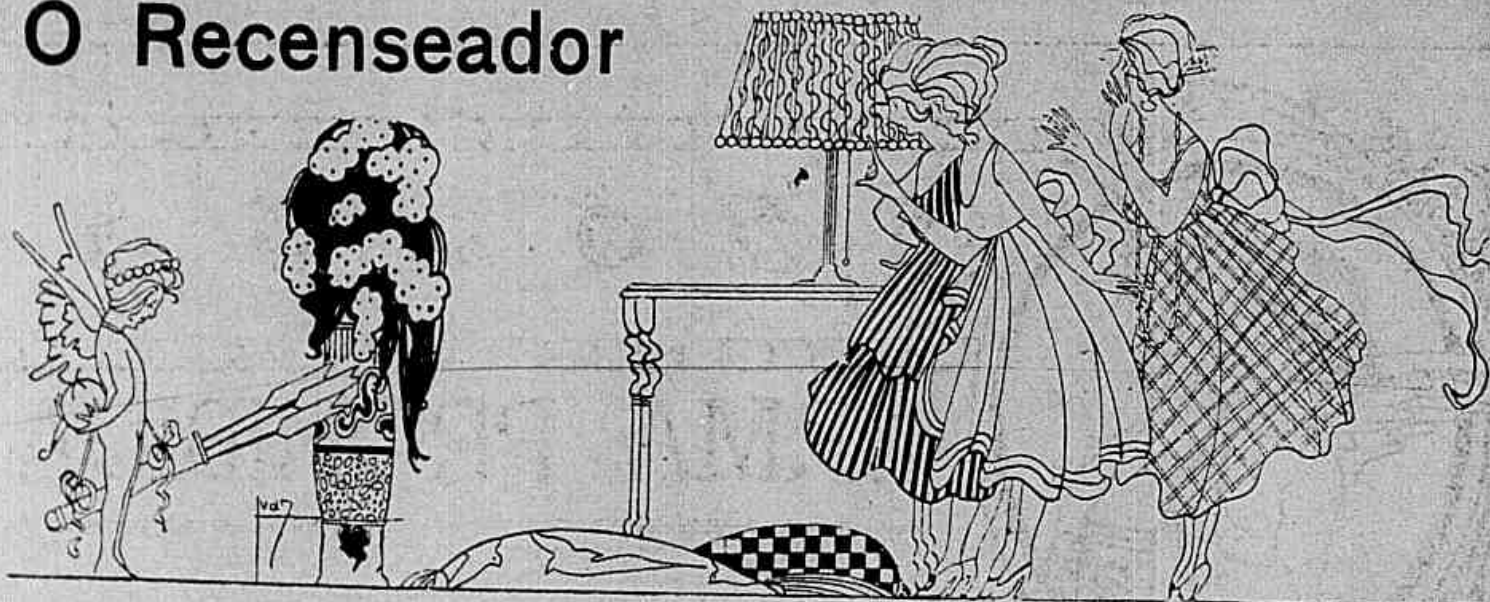
— ?...

— Que foi por porte de arma prohibida!

Tenente Martins



O Recenseador



O dr. Almachio Diniz, o brilhante e conhecido escriptor, é, como se sabe, um dos nossos maiores frequentadores de cinema. Antes de ir para o escriptorio, onde os clientes o esperam, passa elle pelo Parisiense, pelo Palais, pelo Rialto, onde se distrae contando, com o dedo em que brilha o rubi symbolico, todas as espectadoras.

— Uma, duas, tres, quatro, cinco, seis... — conta, o indicador estendido, até que a sala é invadida pela treva, para início da fita.

Uma d'estas tardes, um grupo de senhoras discutia, intrigada, o capricho do notavel advogado.

— Elle enuméra uma por uma, todas nós! — observava uma senhorita loura, de olhos negros e irrequitos.

— Não; eu creio que não, — objectou uma 'dama de preto, ainda jovem. — Elle conta, apenas, as conhecidas.

— Elle já te contou?

— Não. E a ti?

A outra riu, com gosto, e, garôta:

— Ora, menina, que novidade!

E olhos no illustre escriptor, que começava a contagem:

— Nós todas já fomos contadas a dedo!..

Tenente Martins

(Cont. de Saccadura)

te do Bugio, chorava.

— Que é isso, rapaz? — indagou o inventor do sextante aperfeiçoado.

— Saudades da Patria... — gemeu o bravo.

E Gago Coutinho, espantado:

— E' esse o nome d'ella?

A tarde, percorridas 710 milhas, desciam nas Canárias. O avião estava perfeito e Coutinho insistia pela partida, no dia seguinte.

— Que tolice, homem! — protestou o companheiro. — E estas meninas? Havemos de deixal-as assim, sem mais, nem menos?

No dia 5 de abril, enfim, conseguiu Gago Coutinho a «decollage» do amigo, e a continuação da viagem, chegando no mesmo dia á ilha de Cabo Verde, onde as festas e os temporaes, — que também são festas da Natureza, — os retiveram até a manhã de 17.

O resto da travessia é conhecida. Praia, rochedos de S. Pedro e S. Paulo, Fernando de Noronha, Recife, S. Salvador, Bahia Cabralia, Victoria, são capitulos de uma espantosa epopéa. E por toda a parte, eram as surpresas encantadoras, por parte da terra, que sorria florida, e por parte da gente, que os glorificava, encantada!

A sua recepção, no Rio, foi sem precedentes na cidade. A população delirava. O grande «Farey» que Saccadura pilotava era olhado como uma ave prodigio. Si Deus Nosso Senhor annunciasse a sua descida á terra, não seria esperado com anciedade maior. Portuguezes e brasileiros disputavam-se a honra de vel-o primeiro. E mesmo depois de ancorado, as lanchas partiam com centenas de pessoas, que quriam vêr a reliquia.

Em torno do apparelho amontoavam-se os curiosos, e discutiam. Alguns examinavam tudo.

— Que quere dizêre aquelle 170 H. P.

q'alli está? — indagava um patricio, lendo o distico assinalando a força do motor.

Outro explicava:

— Aquelle H. P. quere dizêre que eram 170 Heroes Portuguezes; mas só cá chegaram dois!

Espirito subtil, rico de «verve», Saccadura Cabral deixou, em todo o caminho, os vestigios da sua encantadora jovialidade. Em Pernambuco, assediado por uma senhorita que lhe apresentava um cartão postal, tomou a papeleta, indagando:

— Que quer a senhorita que eu escreva?

— Um pensamento; basta um pensamento!

Saccadura tomou do cartão, e escreveu, laconico:

— «Si eu pensasse, não voava!» — **Saccadura Cabral.**

Levada a papeleta ao seu companheiro, este secundou:

— «E eu também!» — **Gago Coutinho.**

Ao chegar a Fernando de Noronha, estava Saccadura ancioso por saber da opinião que d'elle formavam no continente, pelo desastre dos dois aviões, e, principalmente, do segundo, que os deixara ao sabor das ondas. E dizia, perfido comsigo mesmo:

— Foi o diabo; foi. O primeiro, rebentou-se; e o segundo...

E concluia, rindo, com gosto:

— Deu com os burros n'agua!

No Rio, em São Paulo, no Pará, por toda a parte, tem Saccadura Cabral gosado, como ninguém, as vantagens galantes de uma gloria merecida. Beijar Saccadura, em publico, era honra disputada pelas mulheres mais lindas, nas festas que lhe faziam. E era por isso que, na vespera de embarcar para o norte, elle recebia, aqui, uma carta de Lisboa, em que alguém lhe pedia, chorosa:

— «Olha: deixa para mim, para mim só, um lugar por beijar; sim?»

Saccadura prometteu. Cumprirá?

Rodin



AMOR E

CASAMENTO

Foi na Estação da Central do Brasil que os dois se encontraram pela primeira vez. Elle havia deixado o seu emprego ás quatro horas no escriptorio da Light, e encaminhava-se a pé, pela rua Larga, para tomar o trem, quando viu á sua frente, marchando apressadamente no mesmo sentido, aquella figurinha feminina. Mesmo sem lhe ver o rosto, comprehendeu que era moça e bella. A nuca, ligeiramente á mostra entre o vestido claro e o chapéo, era lisa, morena, e de um torneado voluptuoso. E como andasse ligeiro, todo o seu corpo era uma especie de musica silenciosa, um doce rythmo de seda, uma tentação deliciosa dos sentidos.

Apressando o passo, o rapaz passou adiante, e parou, de repente, deante de uma vitrine de sapataria. E quando a moça se aproximou, viu que ella era, realmente, linda. Possuia cabellos muito negros, a pelle macia e morena, sem vestigio de pintura, e uns olhos cor de noite, mas de noite velludosa, fervilhante de estrellas.

— Que mimo! — exclamou, consigo mesmo, o funcionario da Light, continuando o seu caminho, sem pressa, marchando sobre os passos da moça.

Na Central, tomaram o mesmo trem. Como se o destino o ajudasse, ficaram no mesmo banco, um ao lado do outro. Tendo comprado um jornal, o rapaz procurava lê-lo, consumindo, porém, o tempo em examinar, disfarçadamente, os encantos da sua vizinha. Simulando indiferença, ella manuseava uma revista, detendo-se nas photographias de movimento mundano. Em São Francisco Xavier, a um balanço maior do trem, o semanario cahiu da mão da moça, que se curvou para apanhá-lo. O rapaz abaixou-se, para fazer o mesmo. O carro deu, porém, um solavanco, e os dois foram de encontro, batendo-se as cabeças, uma na do outro.

— Queira desculpar, minha senhora; não foi por querer! — supplicou o moço, atrapalhado.

— Muito obrigado! — sussurrou, por seu turno, a moça, corando.

Não se acreditando sufficientemente justificado, o rapaz tentou, ao fim de alguns instantes, nova desculpa:

— A's vezes, a gente quer fazer uma gentileza, e commette uma grosseria.

— Mas a pessoa a quem

se faz a grosseria, sabe, ás vezes, distinguir a grosseria da gentileza.

Esse pequeno dialogo continuou. E de tal modo que, quando o trem chegou ao Meyer, o rapaz sabia que ella se chamava Lydia Torres Pedrosa, viuva de um jovem funcionario de Fazenda, e caixa de uma casa de modas, á rua Uruguayana. Quanto a elle, a moça levava-lhe o nome: chamava-se Espiridião, era solteiro, vivia em companhia de uma irmã casada, e trabalhava na Light, ha sete annos.

No dia seguinte, viajaram de novo, no mesmo banco. Elle leu-lhe um livro. Ella levou-lhe bon-bons. E de tal modo se entenderam, que, ao fim de dois mezes passaram a viver juntos, arrumando um gracioso ninho no Engenho Novo, onde

apareceram como casados.

A vida de ambos decorria deliciosa. Desciam para a cidade juntos, e subiam juntos, á tarde. A' noite iam ao cinema. E eram tão amigos, tão apaixonados um pelo outro, que pareciam noivos.

Ao fim de oito mezes de paixão assim, Lydia consultou o Espiridião:

— Dize-me uma cousa, filhinho; por que nós não casamos?

— Porque tu não queres.

— Eu? Eu quero, sim.

— Então, eu vou preparar tudo; casaremos sabado.

No dia combinado, lá estavam os dois, lado a lado, deante do pretor. Vivendo juntos, nunca tinha havido entre os dois uma divergencia, uma zanga, uma briga. A vida de ambos, em oito mezes, havia sido uma continuidade de arrulhos, de beijos, de felicidade perfeita. E era essa felicidade que o pretor legalisava.

Terminada a cerimonia tomaram o automovel, rumo de casa.

— Então, estamos casados; não? — observou a rapariga.

— E' verdade! — gemeu o rapaz, sacodindo a cabeça.

Nesse dia, ao chegarem á casa, os dois brigaram, pela primeira vez.

José Fortunato

A ARARA... QUE NÃO É "ARARA"



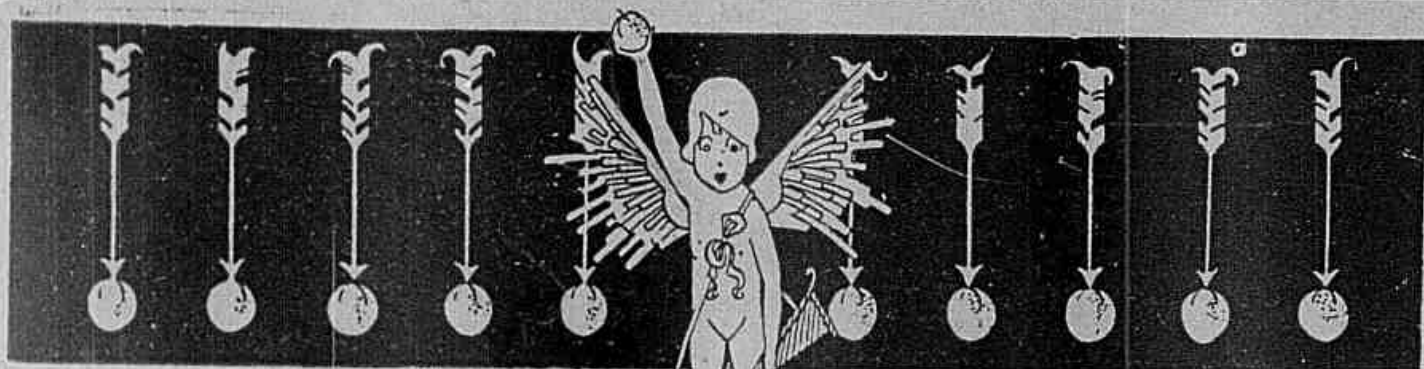
— E' só essa maçã... Estas outras não são para seu bico... Ouvlu ?

PÉS... DE ANJO



MACHADO (Do Fluminense)

(Leia a pagina seguinte)



O MARIDO “FÉRA”

Entre as costureirinhas daquelle «atelier» tão frequentado de gente «chic», era Beatriz Guimarães a mais conceituada. Casalinha de novo, era esperada á porta, tolas as tardes, pelo marido, que a levava de manhã. E essa vigilância, tão intensa, tão dura, tão constante, contribuia para a consideração dispensada á moça pela dona da casa, que primava, como poucas, pela sua seriedade.

Pequenina, de olhos verdes e cabelos castanhos, que oxigenava quando sol eira, a rapariga não deixara perceber, jamais, um só deslize na sua vida. Conversava com as companheiras, é certo, mas não commettia, jamais, a menor levianidade. O respeito que infundia ás outras era, mesmo, de tal ordem, que, se esavam conversando sobre cousas duvidosas, e ella se approximava, era fatal, logo, o aviso:

— La vem a Beatriz.
Calem a bocca...

A dona do «atelier» não se cansava de elogiá-la:

— Como esta, tenho visto poucas.
E accentuava, balançando a cabeça:
— E' uma verdadeira santa!

Certo dia, porém, a Adelaide, da secção de colletes, descobriu que um molecote, que entrara no «atelier», entregara um bilhete á «santa».

— Eu vi, meninas; eu vi, com estes olhos que a terra ha de comer! — garantia, communicando o facto ás outras.

— E tu leste o bilhete? — indagavam algumas.

— Vi, sim. Era de um tal de Gastão, que esperaria por

ella, hoje, ás seis e meia, na praça da Republica.

— Isso é impossivel! — objectou outra. — Ella sae d'aqui ás seis horas, e vae com o marido, que é uma féra! Não! Não pode ser!

— Possa ou não possa, — tornou a informante, — o certo é que eu vi o bilhete. O moleque entregou-o a mim, por engano; eu o li, e, depois, o devolvi ao portador, para ir entregal-o.

CONVENIENCIAS



— São horas de folgar. O Samuel vem hoje...
— ...
— Elle é um homem de «acção»!

A's seis horas, dado o signal para suspender o serviço, Beatriz encaminhou-se para o quarto de «toilette», afim de concertar o cabello e pôr o chapéo. A' porta, paletot cintado, gravato de laço, botinas lúsidias, o esposo esperava-a.

— Eu não te disse que era uma infamia? — objectou uma das costureirinhas. — E a prova é que o marido está ahi para sahir com ella.

Convencidas da falsidade da intrigante, as moças prepararam-se joviaes, encanilhando-se para a porta do estabelecimento. Ahi chegando.

pararam, conversando, a vêr o que ia fazer a Beatriz. E minutos depois ella sahia, tambem, para ir juntar-se ao esposo. Chegou, beijou-na bocca, e ia dar-lhe o braço, quando as companheiras da moça ouviram o rapaz indagar:

— Que horas são?

— Seis e quinze, — respondeu a moça, examinando o relógio de pulso.

— Então, filha, não tens tempo a perder! — objectou o pelintra, dando-lhe o braço.

E com espanto das costureiras, que se entreolharam, scandalisadas:

— Tu não lhe marcaste para as seis e meia?

General André



A MULHER "MODELO"

Quando o Tarquinio Batalha regressou dos Estados Unidos com o seu diploma do engenheiro, ficou espantado ao vêr, na Avenida, aquella creatura de estatura mediana, dona de uns olhos soberbos e de um rosto que era um encanto.

— Que belleza!... — exclamou, deslumbrado.

— Quem é?

O Ataliba Mendes, que ia a seu lado, e cuja fama de pintor estava na ordem do dia, informou:

— E' a Georgina Gama. Qures que t'a apresente?

Minutos depois, feita a aproximação e trocados os cumprimentos de despedida, estava Tarquinio maravilhado.

— E' mulher séria? — indagava do amigo.

— Séria e bonita, — informava este.

E accendendo o cigarro:

— E' uma mulher modelol...

Habituaado aos casamentos americanos, o engenheiro resolveu, nesse mesmo dia, fazer a côrte áquella patricia encantadora. Estava com quarenta e dois annos, possuia alguma cousa, e, como sempre imaginara um lar honrado e feliz, baseado nos rigidos principios da antiga familia brasileira, pensou, logo, em assental-o sobre aquelle divino bloco de marmore.

— Deve ser uma esposa ideal, — dizia, de si, consigo. — Bonita, honesta, pura, recatada, que quero eu mais?

E foi pensando assim que levou á presença do pretor e do padre, dias depois, a maravilhosa estatua de carne que era Georgina Gama, cuja modestia recusou, em absoluto, o noticiario dos jornaes.

A' noite, a festa foi reduzida a uma simples recepção de artistas, organizada por Ataliba Mendes. Musicos, pintores, caricaturistas, poetas bohemios, lá estavam todos, rendendo homenagens aos noivos. E como Georgina estivesse deslumbrante sob as suas flores de laranjeira, o marido não se cançava de murmurar, trasbordando de alegria:

— Como eu sou feliz! E é extraordinario que se encontre uma perola destas, um anjo de innocencia, uma verdadeira esposa modelo, como diz o Ataliba, em um meio como este!

E esfregando as mãos:

— Eu sou, mesmo, um homem de sortel...

Terminada a festa, recolheram-se os noivos á alcova nupcial. Apaixonado pela noiva, cuja belleza se tornara para elle uma obsessão, e pelo seu feitiço moral, do qual o amigo lhe dera informações, ao apontal-a como o modelo das mulheres, Tarquinio Barata radiava de felicidade ao fechar, sobre os dois, a porta do seu paraíso.

— Meu amor!... — exclamou, abraçando-a.

— Meu amor!... — correspondeu Georgina, cahindo-lhe nos braços.

Momentos depois, Tarquinio confessava o seu desejo. Queria que a noiva patenteasse aos seus olhos, livremente, toda a sua formosura.

— Não, Tarquinio; não! — pedia a pobre, recusando. — Deixa-me ficar vestida; sim? Eu quero ter, ao teu lado, sensações novas.

— Sensações novas? — estranhou o rapaz, franzindo a testa.

— Sim, filho; porque eu tenho passado a minha mocidade, inteiramente despida, diante dos homens.

— ?...

— Eu era «modelo» no «atelier» do Ataliba!... **Batu Alban**

O namorado "baboso"



Não me habe os anneis... Sim?

O enchimento

O illustre advogado e professor de Direito, do qual tanto se fallou quando elle era ministro, é um homem de reconhecido bom gosto. Ao encontrar, na rua, uma senhora, examina-lhe a toilette, do chapéo á ponta dos pés. E quando chega em casa, conta, á me-a, á es-o-a e ás filhas, os ves idos clics que viu pela cidade.

Uma destas tardes, ia madame, sem elle, pela Avenida, quando viu uma das suas amigas menos sinceras trajando um «tailleur» marron que era uma perfeição. A' noite, ao jantar, o illustre advogado alludiu:

— E' verdade: vi, hoje, na cidade, um lindo vestido. Era um «tailleur» «marron», bordado de branco. Uma belleza!

Madame ficou vermelha, até ás orelhas. E olhando o marido, séria:

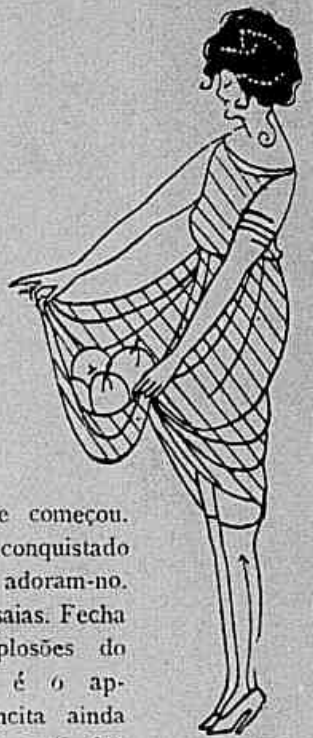
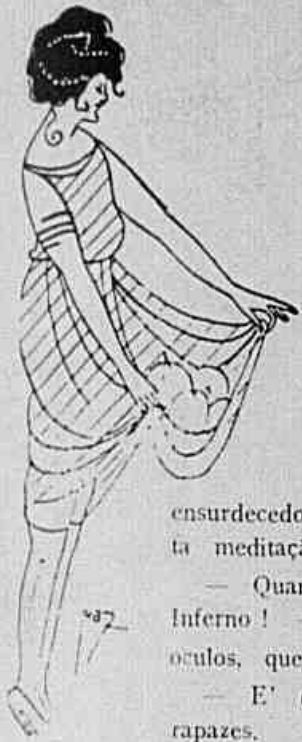
— E quem vinha dentro?

O advogado engoliu uma espinha.



PÉS . . . DE ANJO

MACHADO



Não obstante o rigor da disciplina catholica, instituiu o Collegio Santo Ignacio, em Botafogo, entre os seus jogos sportivos, o «foot-ball». Tocada a sineta para o recreio, corriam os meninos para o pateo, onde começava, logo, o alarido ensurdecedor, que ia perturbar, lá dentro, a santa meditação dos religiosos.

— Quando vocês morrerem, vão todos para o Inferno! — ameaçava um padrinho magro, de oculos, que tomava conta da meninada.

— E' engano seu, padre! — protestavam os rapazes.

E justificavam:

— A prova de que o reverendo não tem razão, é que o «foot-ball» é a cousa mais sagrada do universo. A Terra não é uma bola? Pois, bem. E quem foi que a «shootou» no campo do Infinito?

O sacerdote benzia-se, escandalizado, ameaçando-os de castigo. O director chegava, porém, ao pateo, tomava conhecimento do caso, e mandava continuar o jogo até o repinicar da sineta.

Foi nesse ambiente austero que appareceu, em 1917, como «foot-baller», o pequeno Ernesto Machado, que alli se achava matriculado desde 1915. E desde o primeiro dia, foi opinião dos companheiros que o novo jogador teria um brilhante futuro, conquistando, aqui fóra, a merecida popularidade.

Abandonado o Collegio dos padres, inscreveu-se Machado no quadro de socios do Fluminense, onde foi incluído, desde logo, no 2.º team, que se devia bater com o America. Nos treinos realizados, os seus golpes de cabeça haviam sido notados pelos treinadores. Na tarde, porém, do jogo, o rapazola multiplicou-se. E de tal modo portou-se que, sete mezes após esse encontro, em novembro de 1917, passava para o 1.º «team», onde lhe foi destinada, num jogo com o Carioca, a posição de extrema direita, que vem defendendo até hoje.

Collocado assim no Estado-Maior do grande Club da rua Guanabara, Machado tornou-se, desde logo, um elemento de primeira ordem. Não houve mais jogo de responsabilidade em que o seu nome não fosse incluído. Conquistou os campeonatos de 1917, 1918 e 1919. Em 1918, jogou contra os paulistas, vencendo por 3x2. Enviado a Buenos-Aires para disputar o campeonato sul-americano de 1921, jogou, alli, contra uruguaios, argentinos e paraguayos. E estava no auge da notoriedade, quando se afastou da liça, para a ella voltar este anno, num encontro do Fluminense com o Andarahy.

Filho de um homem de fortuna e advogado de nomeada, tem Machado uma vida feliz. Altivo, nobre, generoso, não ha ninguém mais humilde com os pequenos nem, também, mais arrogante com os poderosos. Leal com os companheiros, estes o têm, sempre, a seu lado, numa solidariedade que vae, ás vezes, até o sacrificio. Se, porém, se trata de mandões, o caso muda de figura: Machado corta de cima, energico, solemne, teimoso, defendendo o seu direito como se defendesse a bocca de um «goal».

E como o homem, é o jogador: bravo, corajoso, decidido. Não esmorece nunca. Para elle, a gloria não está, apenas, em vencer, mas, também, em jogar. Quem o vê

no campo, defendendo as côres do seu club, tem a impressão, sempre, de que elle está ganhando. Não ha «scoore» que o faça desanimar. E é por isso que, triumphando ou perdendo, encerra o segundo «time» com o heroismo, a coragem, o desassombro, do momento em que começou.

Os seus «passes» admiraveis têm lhe conquistado admirações incondicionaes. As meninas adoram-no. Elle é, entretanto, intransigente com as saias. Fecha a cara, e não agradece, jamais, as explosões do entusiasmo feminino. O seu ideal não é o applauso das torcedoras. Isso, porém, as incita ainda mais, de modo a tornal-o, no Fluminense, um dos jogadores mais applaudidos pelas mulheres.

Algumas vezes, Machado chega a ser irreverente com ellas. Certa vez, uma das meninas mais requestadas do Club queixou-se da indiferença com que elle a olhava.

— O senhor nunca me convidou para dançar. E' exquisito! observou. — Todos os rapazes me procuram, me cercam, me distinguem. Menos o senhor.

— Mas a culpa é da senhora! — protestou Machado.

E pittoresco:

— Mal a senhora se senta, o pessoal cae em cima, que parece mosca em assucareiro!...

O seu maior encanto não consiste, realmente, em homenagear as damas. Simples e honrado, prefere a vida de roça, com os seus bodes, os seus cavallos, os seus carneiros. E é por isso que, sempre que apanha uma folga sóbe para Therezopolis, onde o pae tem uma residencia de verão, e ahi se deixa ficar dias e dias, a camisa aberta, a calça arregaçada, o chapéo desabado, a guiar pelas estradas poentas, rechinando e tropeçando, um velho carro de bois...

Amendo a vida de trabalho, encarreirou-se no commercio, para o qual tem, dizem os companheiros, extraordinaria vocação. Ainda agora, lá está em viagem para a Inglaterra, a negocios commerciaes. E quando voltar, estará rico.

Admirando-o pelo caracter e pela energia, os amigos do dr. Theodoro Machado dizem-lhe sempre, quando se referem ao seu Ernesto:

— Sim, senhor; é um homem!

— Homem e meio! — adeanta o pae.

E como os amigos arregalem os olhos, observa, esclarecendo:

— E o queixo?

Effectivamente, Machado é um homem. Mas, com o queixo, — é homem e meio!

Pé... lopidas

Familia moderna

O antigo deputado por um Estado do Sul não é casado. De vez em quando, porém, apparece com uma dama, pretendendo fazel-a entrar, á força, nas rodas familiares. Ha dias, um senador pelo mesmo Estado interpellou-o:

— Quem é aquella senhora que você queria apresentar á minha mulher?

— E' a minha.

— Você casou-se?

— Não.

— ?...

— Mas... é a minha amante legitima!

Quasi ha taponas.



ANTHOLOGIA GALANTE

O PRIMEIRO BEIJO

(Pagina da «Maria Bonita»)

Os dois ganharam assim a frente, conversando alto, coisas sem sentido, quando o trote apressado lhes permitia trocar uma palavra. Adiante a batida esgalhava-se em dois trilhos e eles pararam, indecisos.

— Por onde vamos? perguntou Maria.

Luis reparou, comparando as duas direcções, a buscar um indício, hesitante.

— E' melhor esperar por Teodoro, concluiu a menina.

— Não, replicou o rapaz, sem se querer sujeitar á humilhação. Era entendido em estradas. — E' por aqui. E, ao acaso, tomou por um dos rumos, que a companheira, dócil, aceitou.

Andaram assim bom pedaço, postos os cavalos em esquipado ou a galope, se o terreno permitia, ou a passo nas ladeiras e nos valados estreitos. Iam descendo lentamente para um regato de águas claras, que deslisava em leito branco de areia, quando ela, a rir, balbuciou, quase assustada:

— Parece que nos perdemos...

Como lhe faltasse certeza, para tranquilizá-la, ele se deteve e propôs que esperassem os outros. Se demorassem muito, tornariam atrás, em busca da outra picada. Na carreira, haviam de os alcançar. Pararam á margem do corrego, deixando os animais sorverem grandes goles, que faziam ruido. Quando a pausa os repôs na calma, Luis apeou, para beber. Também veio vontade a Maria. Com engenho, depois de obter a folha de uma taioba, o rapaz enrolou-a em cartucho, para colher de arrepio a água que derivava fugitiva, enchia a sua taça verde e vinha com ela, pé ante pé, todo cuidados. Mas não chegava cheia ao termo: vasava em caminho. Riram-se das tentativas baldadas.

— Só V. se apeando...

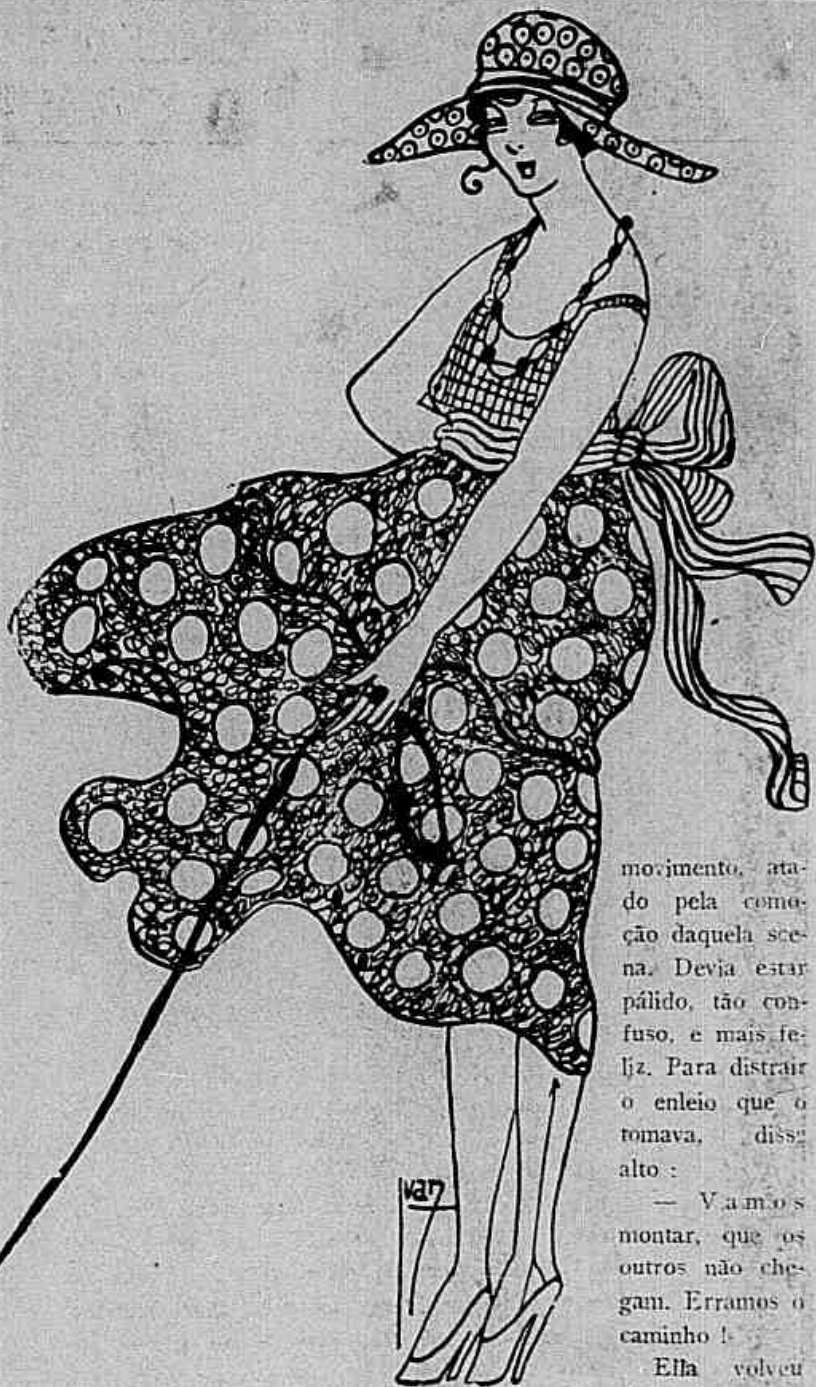
— E para montar de novo?

— Ora, eu a ajudo.

Puxou o cabresto de sob a aba do selim e amarrou o cavalo a um tronco. Deu-lhe uma das mãos a segurar nas dela e com a outra ofereceu firmeza para o pé, diminuindo o salto a vencer. Mas, com o peso, a mão de apoio cedeu e, para não cair, num movimento instintivo de segurança, a menina viu-se projectada de encontro a ele, abraçados, pois que acudira e em ampará-la, os rostos juntos a se fitarem. Momento de susto, a que

se seguiu outro, imprevisto e delicioso. Os lábios próximos ousaram e o primeiro beijo, uma grande descoberta, um incrível atrevimento, improvisado ao acaso, os teve assim, presos e alheados, um instante.

Separaram-se. Um rubor quente subiu pelo rosto dela, de olhos baixos, confusa de vergonha. Caminhou para a corrente, inclinou-se para beber água numa folha, de costas voltadas para ele. Luis ficara pregado no chão, sem



movimento, atado pela comoção daquela scena. Devia estar pálido, tão confuso, e mais feliz. Para distrair o enleio que o tomava, disse alto:

— Vamos montar, que os outros não chegam. Erramos o caminho!

Ella volveu de cabeça am-

da baixa, aproximando-se do cavalo.

— Eu monto sósinha, respondeu debilmente.

— V. não póde, é preciso que eu ajude.

Dobrou o joelho, ofereceu o tronco curvado para que ela se apoiasse, subindo ao arção, sem olhá-la. Depois desprende o cabresto da árvore e o amarrou sob a sela, no rabicho. Montou em seguida e tomou a frente, sem palavra. Caminharam assim até topar o outro galho da estrada. E tocaram, rédea solta, para achar lá adiante, quase na porteira da roça, Theodoro e Pequeninha, em marcha vagarosa, sorpresos de os verem chegar por detrás, quando os julgavam já apeados, havia tempo.

O tropeiro, pelo ânimo suspicaz dos tabaréus, olhava-o com malícia, que tingiu de pejo o rosto do rapaz.

— Tomamos á mão direita e fomos dar num riacho, onde tivemos a esperar por vocês um tempão. Depois, como não chegavam, vimos que era caminho errado. Andamos atrás. Foi uma carreira só, até aqui...

O camarada abalava a cabeça ás razões compridas, fingindo incredulidade.

— «Seu Lulú...» «Seu Lulú...»

Afranio Peixoto



Os Contos do Almirante

O CONTRABANDO

O grande transatlântico aproximava-se do Pão de Assucar, demandando a barra, quando padre Januario chegou á amurada, olhando a maravilha do panorama. De um lado e de outro, as montanhas se succediam, enormes, dentadas, caprichosas. Em frente ao navio, a Guanabara escancarava a garganta monstruosa, como se o esperasse para tragal-o.

— Bella terra! — exclamou o sacerdote, sacudindo a cabeça.

E' como o éco de si mesmo:

— Bella terra!...

Padre Januario acabava de soltar a sua exclamação admirativa quando ouviu grazinar no tombadilho. Voltou o rosto, e viu: eram tres mocinhas de phisionomia simpatica e apparencia christã que subiam a escada, e que vinham tomar logar a seu lado na contemplação maravilhosa daquelle espectáculo.

— Bonito!... — exclamava uma.

— Que deslumbramento! — seccundou outra. E a terceira:

— Como isto é lindo!...

Brasileiro de coração, por já ter estado aqui varias vezes, padre Januario virou-se para as raparigas, confirmando:

— E' linda, mesmo, esta terra. Eu conheço a Europa inteira, estive em missão na Asia e percorri quasi toda a Africa. E nunca vi, acreditem, natureza mais soberba. A impressão que eu tenho é de que o Paraíso foi aqui.

— O padre já esteve, então, no Brasil?

— indagou, curiosa, uma das mocinhas.

— Cinco annos de uma vez, e onze de outra! — informou padre Januario.

E com orgulho:

— Sou Brasileiro de coração!

A essas palavras, uma das raparigas resolveu tirar partido, para uma pequena informação:

— Dizem que, aqui, a alfandega é muito rigorosa; é?

— Parece-me que é, — esclareceu o reverendo. — Entretanto, os contrabandos passam todos os dias.

E com um sorriso de tolerancia:

— E eu creio que não ha mal nenhum nisso. Desde que não sejam grandes, e sejam de cousas honestas...

Essa opinião fortaleceu as passageiras, que logo confessaram ao padre a sua situação. Filhas de um capitalista portuguez, falecido em Minas, vinham para o Brasil tomar conta da herança paterna, trazendo consigo todas as joias da familia. E como estas eram numerosas, tinham receio de que fossem tomadas como contra-

bando, e apprehendidas durante a revista.

— O padre bem que podia nos ajudar... — aventurou, rindo, uma das mocinhas. — Não havia peccado nenhum e era, até, uma obra de caridade.

— Mas, ajudar, como, filhas? — indagou o sacerdote.

— Auxiliando-nos na passagem das joias. O padre metteria algumas d'ellas no bolso, por baixo de batina, e, ao chegar em terra, nos entregaria. Não havia mal nenhum.

— Pois, não, — acquiesceu padre Januario. — Si é apenas isso, estou á disposição das meninas.

Duas horas depois, fundeado o vapor, começou a revista da Alfandega, para desembarque dos passageiros. Enfileirados deante da escada de sahida,

os viajantes iam facultando ao exame dos guardas aduaneiros as malas de mão, as algibeiras, os embrulhos, as cestas, os pequenos volumes que os deviam acompanhar, dispensados de passagem pelos armazens. Vinte ou trinta pessoas já haviam descido, examinadas e livres, quando chegou a vez de padre Januario, atraz do qual vinham logo, por segurança, as tres lindas passageiras.

— Dá licença vêr a «valise»? — pediu um dos guardas.

O sacerdote entregou-lhe a maleta em que conduzia a sua roupa branca, de uso diario, a qual foi remexida, até o fundo, sem que algo se encontrasse de extraordinario.

— E os bolsos da batina... Dá licença?

Padre Januario arriou a maleta no chão, e suspendeu os braços, deixando-se revistar. Os guardas acharam apenas dois lenços, um rosario, um escapulario, e uma caixa de phosphoros. A Lei era, porém, rigida, e foi por isso que um dos cerbéros aduaneiros indagou, ainda, á orelha do sacerdote:

— O padre não traz nada debaixo da batina?

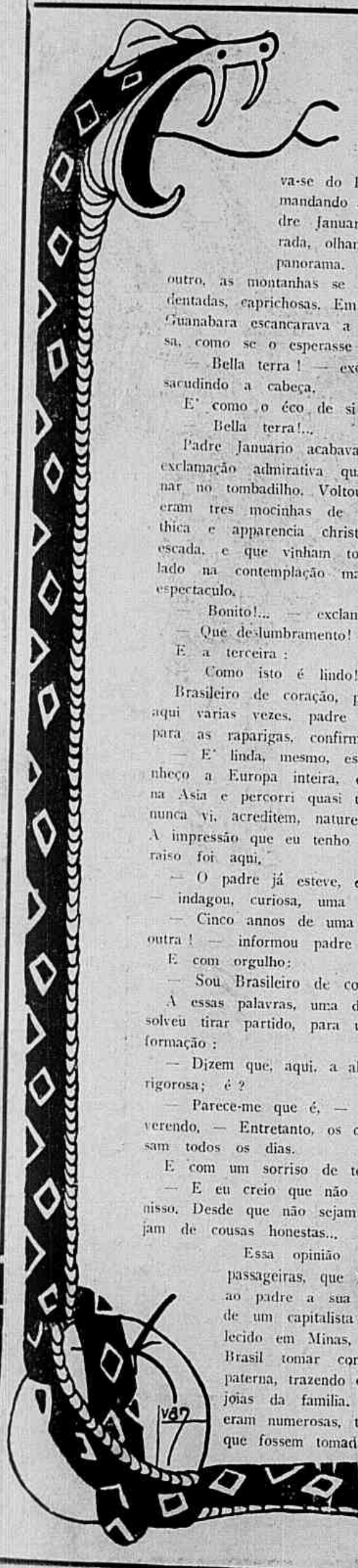
A essa pergunta, padre Januario comprehendeu todo o perigo da aventura em que se metteria. Si negasse a verdade, e fosse examinado, seria, para elle, uma vergonha. O escandalo estouraria, e estaria perdido. O melhor seria, pois, confessar o caso, livrando-se de vexame maior. E foi com essa deliberação que approximou a bocca do ouvido do guarda, informando, a meia — voz:

— O que eu trago debaixo da batina, é d'essas meninas, que vêm ahi atraz...

O guarda riu, e repetiu a frase, baixinho, ao companheiro. Este riu, tambem. E foi com um sorriso de malicia, que os dois, indicando-lhe, como camaradas, a escada do portaló, lhe bateram familiarmente nas costas, exclamando, ao mesmo tempo:

— Que «pirata»... Heim?!...

Almirante Justino Ribas



POR TRAZ DOS PANNOS

AUGUSTO ANNIBAL

No seu excelente volume sobre «A Sedição do Joazeiro», escreve, textualmente, o historiador cearense Rodolpho Theophilo (cap. XV, pag. 286): Entre os atiradores mais temíveis d'aquelle tempo, estava Augusto Annibal, do grupo guerreiro de Bernardo Bacurão e do preto Felisiano. Crença quasi, Annibal particularizava-se pela segurança da pontaria, a ponto de afirmar-se, em toda a região, que elle jamais perdera um tiro, quer em caça, quer em christão. Versando o mesmo thema, isto é, escrevendo sobre aquelle pedaço do sertão cearense, adianta Xavier de

Oliveira («Beatos e Cangaceiros», pag. 181): «Annibal era quasi um menino quando foi desafiado por Moleque Thomé, cangaceiro dos Feitosas, de Lavras. Aceitou o desafio e, num domingo, de manhã, enquanto se celebrava o sacrificio da missa, derrubou-o no adro mesmo da igreja das Dores, em Barbalha, com um tiro que lhe varou o coração. Perseguido, escorou-se na porta da Camara Municipal, onde resistiu tiroteando com o destacamento durante oito horas, ferindo, nessa occasião, o preto Felipe, Antonio Bananeira, o turco Nicolau e mais tres praças da força policial». Mais tarde, acrescentava, Leonardo Motta, na sua obra sobre os «Cantadores» (pag. 93): «Esse rapasola (Annibal), não tinha ainda um fio de barba e já aterrorizava o sertão com as suas armas terribes: a espingarda, e a voz. Christão em que elle atirasse passava logo deste mundo para o outro; e mulata que elle requestasse não ficava, jamais, indifferente ao seu coração. Seria, talvez, o maior cantador sertanejo se, perseguido pelos Feitosas, por causa de umas mortes que fez, não tivesse abandonado o Cariry tomando roteiro desconhecido».

Essas transcrições bastariam, talvez, á biographia de Augusto Annibal, se elle não tivesse, ao deixar o sertão cearense, mudado inteiramente de vida. Filho de uma familia abastada, residente em Milagres, foi mandado ao Joazeiro, ainda criança, para ser baptisado pelo padre Cicero, de quem ficou sendo afilhado. Idolatrando o famoso oraculo dos sertões, abandonou, aos doze annos, a casa paterna, indo bater á porta do padrinho. Este recolheu-o, prometendo tomar á sua conta a educação do menino. E como a educação, alli, consistisse, então, em saber manejar uma facca ou um rifle, foi o pequeno confiado, successivamente,

a Canuto Reis, Chico Pinheiro, Pedro Pilé e Antonio Calangro, que o tornaram, num curso de quatro annos, o mais terrivel atirador do Cariry. Concluidos os estudos, o padrinho fechou-lhe o corpo contra tiro, ponta de facca e espinho de pau, dando-lhe, ainda, por contra-peso, algumas orações fortes, para os casos imprevistos.

Abandonando o Joazeiro, por perseguição dos Feitosas, que haviam jurado vingar a morte de Moleque Thomé, fugiu Annibal para Cajazeiras, na Parahyba, e, d'ahi, para Pernambuco, onde embarcou para o Rio, na esperança de que a situação politica talvez pre-

cisasse, aqui, da sua capacidade profissional.

Ao desembarcar no caes Pharoux, desconfiou, logo, o moço sertanejo, que era difficilissimo, no Rio, o exercicio da profissão. Não havia matto no meio da rua, nem, mesmo, arvore de tronco grosso, para escorar uma pontaria. Além disso, havia vendido o rifle, no Recife, para comprar a passagem. Melhor seria, pois, mudar de rumo, lançando mão da sua voz para ganhar a vida com a mesma honradez.

Uma tarde, passava Christiano de Souza pela rua do Ouvidor, quando d'elle se approximou um tabaréo forte, atarracado, torcendo nas mãos um velho chapéo de carnahuba.

— Não tenho trocado: perdõe! — disse, logo, Christiano, antes que o homem abrisse a bocca.

Os olhos do «assaltante» fuzilaram. A convicção de que o haviam tomado por uma taccadista poz-lhe tremores nas mãos, que procuraram, afflictas, o cabo da pernambucana. E como não a achasse, perfilou-se deante do insolente, fazendo-o estremecer.

— Appareça lá no theatro; ouviu? Appareça... — gaguejou o actor, estendendo-lhe a mão.

Augusto Annibal sorriu, agradecido. E á tarde, quando chegou ao Recreio, foi para receber a noticia de que estava contractado para a Companhia, onde teria o papel que quizesse.

— Mas, eu nunca trabalhei no palco! — aventurou o contractado.

— Que é que tem isso? — desculpou Christiano.

E, pallido, sorriso amarello, procurando na cintura do futuro artista o logar em que elle trazia a bicuda:

— Você aprende depois...

Pessoas que conhecem Christiano de Souza dizem que a protecção dispensada a Augusto Annibal veio, toda, do seu coração compadecido. Outras adiantam, porém, que foi resultado de um terror invencivel, por ter o antigo sertanejo puxado na sua frente, no seu gabinete de director, a famosa facca baptisada pelo padre Cicero com o sangue de Maria de Araujo, e que servira, no Joazeiro, para sangrar o preto Bonifacio, que passara pelo adro da igreja sem sequer, tocar no chapéo. Medo, ou não, o certo é que Augusto Annibal foi admittido, quebrou a cara a dois ou tres collegas, esbofetou, na primeira semana, onze ou doze espectadores, impondo-se, assim, á admiração publica, por seus meritos indiscutíveis.

A noticia de que estava na Companhia Christiano de Souza o mais perigoso atirador do padre Cicero, fez encher o theatro. Curioso, o publico affluia, com respeito. E assim que Augusto Annibal entrava em scena, havia um movimento na plateia. Eram os espectadores que, na previsão de um «rôlo», grella-



POR TRAZ DOS PANNOS



AUGUSTO ANNIBAL

Theatro Boccaccio

NA ENCRUZILHADA...

Comedia em 2 actos, de JAN RICHORA

PERSONAGENS

Laura — viuva — 45 annos. — Mario seu filho — 17 annos. — Carlinda — viuva — 50 annos.

ACTO 1.º

Em casa de Laura — Sala commun — Mobiliario simples.

SCENA UNICA

LAURA E CARLINDA

LAURA — Ando muito apprehensiva com o Mario... Está na idade perigosa.

CARLINDA — E' preciso ter muito cuidado com as más companhias... Elle está na idade das suggestões faceis... Depois dos quinze, os meninos vivem para as primeiras fantasias da vida... A preocupação da novidade... o desejo de imitação... o receio de parecer ridiculo sendo virtuoso...

LAURA — Graças a Deus elle é absolutamente innocente... Não sabe nada... E' como se fosse uma menina... Parece até bobo... Chega a ser ingenuo demais...

CARLINDA — E' uma cousa rara...

LAURA — Vae pouco ás festas... Não fuma... não joga... nem vae ao foot-ball... Seu maior prazer está nos livros... na leitura...

CARLINDA — Estudos?

LAURA — Nem sempre... Gosta muito de romances...

CARLINDA — Ah!... Elle gosta de romances...

LAURA — Já leu quasi todo o Julio Verne... Os Tres Mosqueteiros... Rocabole...

CARLINDA — E' preciso ter muito cuidado com os mãos livros e as más companhias... Fazem mal á alma e á saúde.

LAURA — A' saúde?

CARLINDA — Sim... Ha livros que fazem mal tambem á saúde... Quando elle começar a experimentar as sensações da vida... a seducção da luxuria...

LAURA — Você me assusta...

CARLINDA — Ah!... Minha boa amiga... E' preciso ter muito cuidado... Aconselhe seu filho... Arranje alguém que lhe aponte o verdadeiro caminho.

LAURA — Elle é tão innocente... tão ingenuo... E' uma verdadeira menina... Quer que lhe diga... Acho até que elle não reparou na differença dos sexos...

CARLINDA — Mas atravessa uma phase perigosa... Tenho notado... Ha muito que reparo nos olhos delle...

LAURA — Como?

CARLINDA — Estão muito brilhantes e com as pestanas humidas e agarradas umas nas outras... Tem olheiras... E' preciso achar quem lhe dê uns conselhos discretos... para evitar que elle se deixe arrastar na voragem dos mãos instinctos que a natureza desperta no homem.

LAURA — Quem poderá aconselhar-o?... Eu não teria coragem... nem geito... para assumpto tão delicado... Seria preferivel um homem... Mas... quem?... Não me animo a fazer semelhante pedido... Depois... os homens fallam muito

crúamente sobre essas cousas... e o preventivo poderá ser contraproducente... Indo despertar as idéas más... Elle é tão innocente... Parece uma menina... Eu só fallo dessas cousas com você...

CARLINDA — Mas é indispensavel que alguém intervenha...

LAURA — Mas... quem?... (pequena pausa)

CARLINDA — Para servir-te... eu poderia experimentar... Com geito... Quem sabe?...

LAURA — Como é bom!... Quererá você prestar-me esse grande favor?

CARLINDA — As amigas servem para as occasiões difficeis... Depois... você sabe... eu poderia ser a mãe delle... Devo ter auctoridade...

LAURA — Como lhe agradeço esse favor... E' muita ddeicação de sua parte... Dê-lhe, então, uns conselhos... com geito... disfarçadamente... mas de modo que elle comprehenda...

CARLINDA — Farei tudo com geito... Empregarei até umas metaphoras... se for preciso... Mas de modo que elle comprehenda o perigo das más leituras e sobretudo das companhias do vicio... das mulheres... não só para a alma, como para o corpo... Sim... porque essa mocidade de hoje não vale nada... Desde os quinze annos... toda ella é um poço de vicios e de syphilis... e de quanta molestia vergonhosa existe por este mundo... Quantos morrem na flor da idade... E' preciso muito cuidado...

LAURA — Que horror!... Nem quero pensar... O meu Mariosinho...

CARLINDA — Mas eu o salvarei... Não se assuste... Eu o salvarei da vertigem do vicio e da desgraça do corpo... Pobresinho...

LAURA — Pois amanhã mesmo elle irá fazer-lhe uma visita... Arranjarei um pretexto... A's duas horas irá levar-lhe um livro...

CARLINDA — A's duas horas... Um livro... Bem lembrado... Um excellente pretexto... para entrarmos no assumpto...

ACTO 2.º

Em casa de Carlinda — 2 horas da tarde — Pequena sala — Um grupo: divan e 2 poltronas. Mesinha — Jarra com flores. Uma janella aberta, por onde penetra o sol.

SCENA UNICA

CARLINDA e depois MARIO

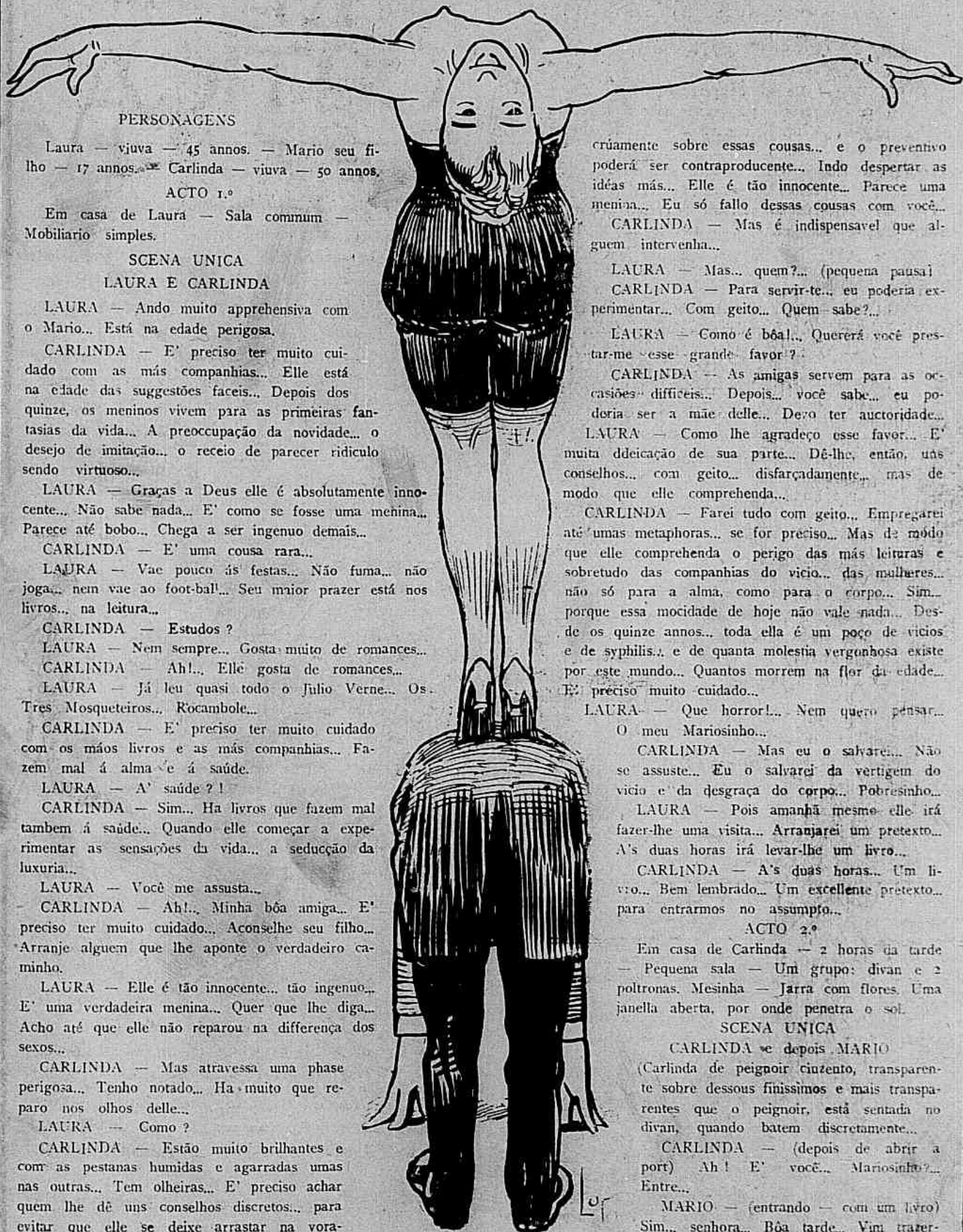
(Carlinda de peignoir cinzento, transparente sobre dessoros finissimos e mais transparentes que o peignoir, está sentada no divan, quando batem discretamente...

CARLINDA — (depois de abrir a port) Ah! E' você... Mariosinho?... Entre...

MARIO — (entrando — com um livro) Sim... senhora... Boa tarde... Vini trazer-lhe este livro a mandado de mamãe... Não se encomode... Ella pede noticias... Não me demoro...

CARLINDA — Como?... Ainda não entrou e já falla em sair...

MARIO — (avancando um pouco na saleta) Não quero encomodá-la...





Galho DE URTIGA

Gentileza

A famosa senhora, dona de uma das mais lindas vozes do Rio, foi em visita á familia do jovem capitalista. Havia piano na sala, e a formosa brasileira, abrindo-o, começou a cantar uma «romanza» commovida que fez parar, de repente, o curso da conversação. Acabado esse numero, virou-se a dama para o moço millionario, consultando, num sorriso:

— Quer que continue?

E o bruto, suppondo fazer uma gentileza:

— Se a senhora tem prazer com isso... pode continuar!

Sinceridade

A palestra entabulara-se na Lalet, de mesa para mesa. E em cada mesa, tres ou quatro senhoras.

— Vae amanhã lá em casa; sim?

— Recebes amanhã?

— Não; é uma pequena reu não de amigas intimas.

— Para que?

— Para fallar das que não fôrem!

Com certeza, ninguém faltou.

vam, desconfiados, a porta de sahida... O novo artista começou, porém, a cantar, com aquella tonalidade sentimental do sertanejo, e, em breve, o pavor, o medo, a prevenção, transformavam-se numa atmosphera de sympathia, de estima, de admiração, que se resolvia numa tempestade de palmas...

Contractado, mais tarde, para a Companhia Alexandre de Azevedo, desfructou Augusto Annibal os seus dias de gloria serena, que o acompanharam, ainda, no S. Pedro, e o acompanham, agora, no Carlos Gomes, onde é, hoje, a primeira figura masculina da «troupe».

Essa gloria, essa fama, esses triumphos, não lhe alteraram, entretanto, o terne de sertanejo. No seu quarto, na pensão, ha, sempre, um retrato do padre Cicero. E dizem que, apesar dos dez ou doze annos de civilização, dorme, ainda hoje, com um riffle sob o colchão, uma cartucheira no tapete, e uma facca, de dois palmos, de baixo do travesseiro... — **João Kaetano.**

« Os agathyrus eram os mais afeminados de todos os homens. Usavam ornamentos de ouro, e até as mulheres eram communs entre elles, para que não tivessem de brigar por ciúme. »

Herodoto. — "Melpomen"

Desinteresse

O conhecido e velho capitalista, famoso pelas suas conquistas amorosas, vive, actualmente, desconfiado que as mulheres não o querem pelos seus bellos olhos, mas, simplesmente, pelo seu dinheiro. E essa desconfiança o acabrunha, o tortura, causando-lhe noites de insomnia.

Ligado, nestes ultimos tempos, a uma graciosa divorciada, famosa pelas suas toilettes e pelo «grain de beauté» que lhe dá tamanha originalidade ao «maquillage», confessou-lhe o ancião a sua suspeita:

— Eu não queria que tu me quizesse assim...

— Assim, como, filho? — indagou a creia.

— Assim, por interesse. Eu queria que tu me quizesse por amor, por mim mesmo, com toda a sinceridade.

— Pois, bem, — tornou o diabrete; — agora eu vou te querer assim, sinceramente, sem a menor idéa de interesse. E sentando-se nos joelhos d'elle:

— Mas tu me augmentas a mesada... Sim?

Mosca Azul

Entre as festas commemorativas do Centenario, foi lembrado, em um dos nossos clubs chics, um grande baile carnavalesco. Ao chegar em casa, um dos directores communicou á esposa a lembrança dos collegas.

— E tu irás, fantasiada, — accrescentou. — Irás com aquella fantasia de Mosca Azul, que me mostre no figurino. Faço questão, apenas, de uma cousa: que vás de-mascara.

— Oh, fulano!... — exclamou a moça, protestando. — Uma fantasia tão bonita, e ir de mascara!

E com aquella pontinha de vaidade, tão feminina:

— Assim, não vale a pena... Ninguém sabe quem é!...



Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: LIQUIDO: 2\$500
PASTA: 2\$000

A' venda em toda parte — Deposito geral: Casa Hermann — Rio.





Divan . .

A jover
tino sabb
levava pa
franceza
liario, A'
ra pôz e
cando, co

ao
nos
bem
agrad
Olhe..
Tem u.
tão.. se
a cama..
vie.. não
rastando M
lhe ensinar
MARIO
vou... eu vo
quem tem ra..
ra.. ou o l

CARLINDA — (fechando a porta, á chave, disfarçadamente) Descanse um pouquinho... Estimo bastante sua visita... Estava tão sosinha... isolada... (fazendo Mario sentar no divan) Sente um pouquinho... Hoje não sahirei... Imaginava como poderia passar a tarde... Ao menos agora terei uma boa companhia...

MARIO — A senhora móra sempre sosinha?... Porque não prefere uma pensão...

CARLINDA — Detesto as pensões... Preferi tomar esta casinha e uma empregada para servir-me e para companhia...

MARIO — Só tem em casa a creada?...

CARLINDA — E isso mesmo nem sempre... Agora, por exemplo, ella sahio... Foi levar um embrulho em Copacabana... Deve demorar seguramente tres horas... Se você não viesse visitar-me, eu nem sei como passaria o tempo... Iria conversar com alguém ao telephone... ou lêr... Mas é mesmo... Nem me lembrava... você trouxe um livro...

MARIO — (entregando-lhe um livro) Sim... Minha mãe mandou-lhe este livro... A «Moreninha», de Macedo...

CARLINDA — Deve ser muito bom... (tomando o livro) O titulo é bom... «A Moreninha»... Você já leu?...

MARIO — O titulo é bom... Mas o Macedo é meio páo...

CARLINDA — (rindo e sentando ao lado de Mario) E' engraçado... Então você acha o Macedo páo? Olhe... quer que lhe falle com franqueza... eu tambem acho... Hoje em dia ha livros muito mais interessantes... Prefiro a «Bugrinha»...

MARIO — Sim... E' melhor... O Afranio pinta a vida com mais attractivos...

CARLINDA — Sei que tem lido muito... E' um grande amante dos livros... Póde mesmo me aconselhar alguns... Eu tambem gosto de ler...

MARIO — Tenho poucos livros...

CARLINDA — Vá dizendo alguns... dos seus predilectos...

MARIO — (embaraçado) Ah!... Os predilectos... São muitos... Eh!... Eu tenho al-

guns... Muito pouco... Nem vale a pena...

CARLINDA — (pondo a mão sobre a perna de Mario) Diga... diga sempre...

MARIO — Ora...

CARLINDA — (retirando a mão) Está com acanhamento? Faz cerimonia commigo?... Estamos conversando aqui como bons amigos... (batendo na perna de Mario) Vamos... Diga lá...

MARIO — Tenho... Eça de Queiroz...

CARLINDA — O crime do Padre Amaro?... Adivinhei?...

MARIO — Adivinhou...

CARLINDA — São livros muito fortes... (levantando-se e ficando contra luz que entra pela janella — de modo

a desenhar o corpo contra os raios de sol) Mas eu gosto de livros assim... Sobre a nudez da verdade... o véo diaphano da fantasia... Você tambem não é assim?

MARIO — (com os olhos cravados em Carlinda, procurando perceber as linhas do corpo através do «peignoir») Prefiro até sem o véo da fantasia...

CARLINDA — (indo fechar a janella) Que sol tão forte... Dóe na vista... (volta, senta no divan junto de Mario — pondo a mão sobre a perna delle) Gosta de Zola?...

MARIO — E' muito bom...

CARLINDA — Realista... Admiravel... Nós tambem temos escriptores realistas... Dizem que o Julio Ribeiro...

MARIO — E'... O Julio Ribeiro tem um livro bom... «A Carne»...

CARLINDA — Isso mesmo... Já ouvi fallar... Isso mesmo... «A Carne»... Você já leu... Não negue...

MARIO — Li... como tenho lido outros... por exemplo a «Exaltação»... é agora estou lendo as «Enervadas»...

CARLINDA — (com um riso forçado, deixando-se cahir para o lado de Mario) E você não fica enervado, com esses livros de mulheres?...

MARIO — Prefiro os livros sobre mulheres, mas feitos pelos homeris...

CARLINDA — Eugenia Grandet... Thereza Raquin... Não creio...

CARLINDA — Eugenia Grandet... Thereza Raquin... Não a Philosopha...

CARLINDA — Dizem que é muito interessante...

MARIO — Muito... (pondo a mão sobre a mão de Carlinda que continúa na perna delle) Olhe... se quiser eu lhe empresto... Tenho outros melhores...

CARLINDA — Oh!... Traga então...

MARIO — (apertando a mão de Carlinda) Tenho Serões no Convento... Gamiani... A Mulata de fogo... (Pausa — Jogo de scena muda — Poses e lances violentos — Ao fim, Mario está com o rosto sobre o collo de Carlinda, que o amima, offegante e agitadissima)

CARLINDA — Meu filhinho... Você nunca se lembre de ir em certos lugares... Fuja das más companhias... E nunca fique lendo sosinho... muito tempo...

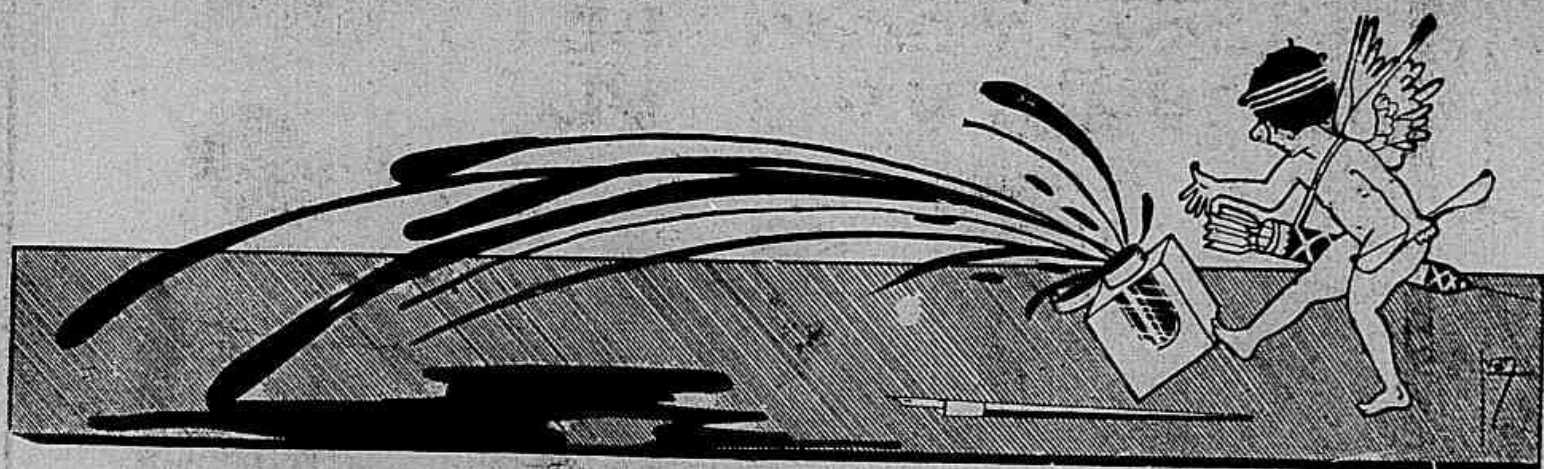
MARIO — Sim... Sim...

CARLINDA — Quando quiser ler... Venha para aqui... Leia commigo... em minha companhia... Ler sosinho... faz muito mal...

MARIO — Sim... Eu venho...

CARLINDA — Traga seus livros para cá... Não tenha acanhamento... Aqui não tem ninguém mais... Quando você vier eu mandarei a creada a Copacabana... Poderá ir até





A tentação de Xenocrates e as conquistas de um octogenário...

Nisto, entre a turba, ouviu-se a zombeteira
Voz de Aristippo: «E's bella e poderosa,
Lais! mas, para que sejas a primeira,

A mais irresistível das mulheres,
Poderás fascinal-o, se o quizeres!
Cumpre domar Xenocrates! E's bella...

Doma-o, e serás rainha! Ella sorria...
E apostou que, submisso e vil, naquella
Mesma noite a seus pés o prostraria.
Apostou e partiu...

Em vão Lais o abraça, e o nacarado labio
Chega-lhe ao labio frio... Em vão! Medita o sábio.
E nem sente o calor desse corpo que o attrai,
Nem o aroma febril que dessa bocca sae.

E ella: «Vivo não és! Jurei domar um homem,
Mas de beijos não sei que a pedra fria domem!»

Olavo Bilac

Assim foi. Lais perdeu a aposta! Evidentemente ficou ferido o prestígio da sua formosura.

Este facto passou-se em priscas éras, quando a sciencia estava ainda embryonaria: hoje, cremos, não se repetiria. Uma Deusa dos nossos tempos poderia tomar a responsabilidade de uma aposta semelhante áquella que a vaidade de Lais firmou com Aristippo, sem risco de perdê-la, porque, agora, dispomos de um recurso therapeutico — um sôro — capaz de animar uma mumia!

Para não descermos aos detalhes com que a sciencia explica a origem desse sôro e prova o «porquê» de sua acção physiologica (tarefa que deixamos aos senhores medicos), vamos narrar um episodio que vale por um facto concreto:

Um senhor, com 84 annos de idade, tenente-coronel reformado do Exército, que lutára com bravura pela nossa bandeira nos sinuosos campos do Paraguay e exercendo actualmente, apesar de sua respeitavel idade, alta função em um dos nossos ministerios, fez, a conselho do seu medico, uso desse moderno medicamento, a fim de tonificar seu cerebro notoriamente esgotado, pois entre outras a nova medicina tem indicação especial nos casos de fraqueza cerebral.

Logo após as primeiras injeções, o nosso heroe sentiu os effeitos do extraordinario remedio e, não podendo conter os impulsos de seu entusiasmo, procurou por todos os

meios communicar-se com o autor da formula: mas dada a impossibilidade de o encontrar, já o satisfazia a idéa de um «rendez-vous» com os depositarios do magnifico remedio, na intenção de fazel-os tambem depositarios de suas queixas. Em poucos minutos, eíl-o, passo firme, des-empenado como um rapaz de 25 annos, entrando num estabelecimento da rua dos Ourives, no Rio de Janeiro.

— São os senhores os distribuidores deste medicamento? — perguntou, apresentando um rotulo. — Tenho usado apenas uma caixa e já posso subir e descer escadas, mesmo as espiraes de interminaveis degraus, sem soffrer as ter-ri-veis tonturas que eram meu pezadoello.

E o sympathico velhote, apumado no seu frack de irre-prehensivel linha, acrescentou, num tom de autoridade con-sciente dos seus direitos:

— Não é isso, porém, que me causou surpresa; é por causa de outro effeito muito mais forte, muito mais impressionante e que veio alterar por completo toda a norma de minha vida, que me encontro agora em sua presença. Avaliem os senhores — continuou elle — que eu, viuvo ha 38 annos e tendo ha mais de 25 annos abdicado das funções inherentes ao meu sexo, ia carregando os meus 84 janeiros sozoadamente, numa verdadeira paz domestica. Em minha companhia vive uma joven que eu chamava de «minha pupilla» e ninguem melhor do que eu poderia ser o guarda de suas virtudes: mas, agora — acrescentou o nosso heroe, num tom de censura que não lograva encobrir a vaidade e alegria de sua alma — agora, estou obrigado a chamal-a de... «minha esposa!» E a que devo esta loucura? Aos effeitos do seu remedio, só a elle, ouviram?!?! Venho, pois, responsabilizal-os pelo meu acto de loucura...

E sabem os leitores qual é esse prodigioso remedio? Simplesmente, o novo sôro denominado — Hermandrico. E' que este sôro produziu no organismo do tenente-coronel reformado o estimulo das glandulas que estavam adorme-cidas e, como por um encanto as funções re-surgiram com pasmosa actividade, tanto que, podemos ac-crescentar, o contentamento do defensor de nossa patria é quasi delirio, porque sabe que está em vespêras de... ser pae! Póde haver maior ventura aos 84 annos?!

E isto não é um conto, é um facto, em que se guarda o nome do protagonista por dever de discreção.

Se Xenocrates existisse ainda e a encan-tadora Lais com astucia e Hermandrico no seu velho corpo injectasse, por certo que a bella siciliana não teria perdido a aposta...





1a



São
acajador

tigo de
caba de

tão bom
anto, como
de pito ?



LOTERIAS DE S. PAULO

Garantidas pelo governo do Estado
Extracções ás terças e sextas-feiras

Premios de 20 a 200 contos de réis

CONCESSIONARIOS:

J. AZEVEDO & C.^{IA}
S. PAULO

Vende-se em toda a parte

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97. Sob.

Catador "Progredior"

Temos o catador "PRO-
GREDIOR", combinado
com esbrugador, machina
de grande vantagem para
o perfeito beneficio do café.
Temos tambem o sepa-
rador "SINGELO".

Peçam catalogo illus-
trado a

Martins Barros & Cia. Ltda.

End. Teleg.: "PROGREDIOR"

CAIXA, 6

S. PAULO

LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de
todas as enfermidades provenientes das
impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O
PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS

Unico especifico adop-
tado nos hospitaes do
Exercito e da Marinha
depois de OFFICIALMEN-
TE, estudado e experi-
mentado, ficando pro-
vado o seu incomparavel

::: valor :::



Unico receitado pelos
especialistas para o tra-
tamento e diagnostico
da syphilis, por ser de
efeito muito rapido e
absolutamente inoffen-
sivo a qualquer orga-

::: nismo :::

Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez
de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não de-
verá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que
soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.

Depositários: **PLINIO CAVALCANTI & C.^{ia}**



**REGULADOR
FONTOURA**

O GRANDE
REMÉDIO
DAS SENHORAS

TONICO RESTAURADOR
UTERINO

CURA DOENÇAS DO
UTERO

REGULARISA A
MENSTRUACÃO

CURA
TODOS OS ESTADOS MORBIDOS
DOS ORGÃOS FEMINOS

Rua Senador Dantas, 45 - RIO DE JANEIRO

COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, as 2^{as} e nos sabbados
as 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, Sabbado, 26 de Agosto, As 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$000

INTEIROS, 163000 - EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se à venda na sede da
Companhia à rua 1.^o de Março, 88.

GRIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL



Linda moça, lindos olhos.
Linda bocca, linda tez,
Quem lhe deu tamanha graça?
Watson's Whisky Numero Dez.

A' venda nos restaurants e hoteis de 1.^a ordem.

**MELHOR QUALIDADE
MENOR PREÇO**

CAMISAS modelo americano em zephir, lulzine,
percal, seda, etc., pyjamas, cuecas, meias, gra-
vatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios,
camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez
e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA

OUVIDOR, 134



1822 CENTENARIO DA INDEPENDENCIA 1922

GRANDE LOTERIA DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA

30.000 BILHETES 3175 PREMIOS

9.550:000\$000

MAIS DE 70%

BILHETES
INTEIROS
E
MEIOS



EM PREMIOS

DECIMOS
VIGESIMOS
E
CENTESIMOS

AUXILIAE ESTA CRUZADA

PREMIOS MAIORES:

1 de	5.000:000\$000
1 de	1.000:000\$000
1 de	500:000\$000
1 de	200:000\$000
2 de	100:000\$000

e mais 3.169 de 50, 20, 10, 5 contos, etc.

OS PREMIOS SERÃO PAGOS PELA THEsourARIA DO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO NO RIO DE JANEIRO

EXTRACÇÃO EM 7 DE SETEMBRO DE 1922

PELO SYSTEMA DE URNAS E ESPHERAS INTEIRAMENTE NUMERADAS